

O APÉLO DE CRISTO
AOS
PESCADORES DE ALMAS

ABBE QUINET

inspector do ensino religioso
na diocese de Paris

O APÊLO DE CRISTO
AOS
PESCADORES DE ALMAS

À MARGEM DO CATECISMO

(Tradução adaptada ao meio brasileiro, por
ALCEU MASSON)



Editora «Vozes» — Petropolis, Es. do Rio

Nihil obstat. — Petropoli, 29 Aprilis, anni MCMXXXVII.
Fr. Fridericus Vier. O. F. M. — Censor.

Imprimatur — Por comissão especial do exmo. e revmo.
sr. bispo de Niterói, d. José Pereira Alves. Petrópolis,
14 de junho de 1937 — Frei Osvaldo Schlenger, O. F. M.

Em nosso relatório sôbre o Catecismo e as Vocações, apresentado ao quinto Congresso Nacional de Recrutamento sacerdotal de Nancy, em 1929, lembrámos a possibilidade de fazer ouvir discretamente o apêlo de Deus na explicação de cada capítulo do catecismo.

Êste trabalho, hoje o oferecemos a todos os que se preocupam com o problema das vocações sacerdotais.

A presente obra foi redigida de modo que possa servir tanto para os catequistas como para as crianças.

Os catequistas encontrarão nela as idéias que deverão desenvolver, adaptando-as à mentalidade de seus ouvintes.

As crianças, que recebem a instrução religiosa elementar, guardarão dos conceitos aqui expendidos uma reminiscência bastante duradoura. Assim, lendo êste livrinho, tornarão a sentir as impressões dos dias em que aprendiam o catecismo e talvez tenham a felicidade de ouvir o apêlo de Jesus a que os apóstolos não resistiram: Vinde, segui-me!

C. Q.

**Razão por que não devemos sentir certo pesar,
ao ler o Evangelho**

No comêço de sua última viagem a Jerusaleém, achava-se Jesus em caminho, quando lhe apresentaram algumas crianças para que as tocasse com suas mãos sagradas. Os discipulos tentaram repelir rudemente as pessoas que as tinham trazido. Jesus, porém, protestou, dizendo: “Deixai vir a mim as criancinhas, não as estorveis, porque o reino do céu é daqueles que com elas se parecem. . .” Em seguida o divino Mestre abraçou os pequeninos e os abençoou, impondo-lhes as mãos (Mc 10, 13-16).

Vós, que vindes ao catecismo, provavelmente pensais na felicidade das crianças que viram a Jesus e que o ouviram. Ah! se estivésseis entre elas!

Certamente ouviríeis com a máxima atenção as palavras sublimes do Filho de Deus, permanecendo muito quietos, quase imóveis, sentados a seus pés. E naturalmente lamentais que Jesus já não viva entre os homens, como nos tempos em que andava pela Palestina.

Eu, porém, vos digo: “Não há razão para êsse pesar, porque sois mais felizes do que as crianças da Judéia.

“Hoje ainda podeis ouvir a Jesus. O *sacerdote* que vos ensina a religião é apenas uma voz que repete o que Nosso Senhor disse. Quem o ouve, ouve a Jesus. O sacerdote não inventa e não fala em seu nome, mas sim em nome de seu Mestre. O sacerdote catequista ensina as verdades em que devemos crer, os deveres que devemos praticar, e os meios a que devemos recorrer para chegar à santidade. E’ um discípulo que, tendo ouvido a recomendação: “Deixai vir a mim as crianças”, não repele os pequeninos; mas, ao contrário, procura levá-los a Jesus, porque Jesus lhes reserva a divina carícia da Comunhão, o dom sublime de seu corpo, de seu sangue, de sua alma e de sua divindade.

Sejamos gratos a Deus, porque nos deu o sacerdote.

Os primeiros sacerdotes

Era um lindo lago o de Genesaré! Era um lago tão grande que o chamavam de mar da Galiléia. Com vinte quilômetros de comprimento e dôze de largura, parecia realmente um verdadeiro mar. Suas ondas de coloração azul-cinzenta vinham morrer em praias cobertas de cascalho, onde se levantavam inúmeros rochedos; em suas margens abundavam os loureiros, as tamareiras e as espinhosas alcaparras.

O lago achava-se emoldurado num quadro de folhagem exuberante revestida de flôres. Suas águas bastante piscosas sustentavam dez cidades e grande número de aldeias de pescadores.

Naquele dia, duas barcas balançavam-se sôbre as ondas, e na praia alguns pescadores lavavam as redes.

Acompanhado de muita gente, Jesus chega ao lugar onde os pescadores se encontram, e entrando na barca de Simão, pede a êste que a afaste um pouco da praia. Livre da multi-

dão que o comprimia, o divino Mestre fala do reino de Deus, pois viera fundá-lo na terra. Quando terminou a prègação, disse ao pescador:

— Leva a barca para o alto mar e atira a rede.

— Mestre — respondeu Simão — trabalhámos a noite toda, e não pescámos nada. Contudo, farei o que me mandas.

Dito isto, remou durante algum tempo. Depois deteve a barca, levantou-se e atirou a rede, que se abriu em leque sôbre as águas azuladas. Esperou uns minutos e finalmente tentou retirar a rede submergida. Mas não o conseguiu. Havia tanto peixe entre as malhas e o pêso era tamanho, que Simão foi forçado a chamar os pescadores da outra barca, para o auxiliarem. Êstes atenderam ao chamado e encheram de peixe as duas barcas, que quase sossobravam sob a pesada carga.

Simão lançou-se então aos pés de Jesus, e disse:

— Senhor, afasta-te de mim, porque sou um pecador.

Mas Jesus tranquilizou-o:

— Não tenhas receio. De hoje em diante serás pescador de homens.

Simão e seus sócios João e Tiago reconduziram as barcas para a praia, e, abandonando

tudo, redes, barcas e familia, seguiram entusiasmados o divino Mestre.

Tornaram-se, assim, os primeiros sacerdotes...

Jovem leitor, tu que começas a vida estudando para poder trabalhar, és semelhante aos pescadores do lago de Genesaré, que preparavam as redes para a pesca, seu modesto ganha-pão. Ouves a Jesus que te fala no catecismo, no lar e talvez na escola. Esforça-te por fazer bem tudo o que Êle mandar que faças; conserva-te junto do divino Mestre, como se com Êle estivesses numa mesma barca — o que conseguirás pela obediência, pelo trabalho, pela pureza e pelo amor. Bem pode ser, então, que Jesus te diga: “Deixa as preocupações da vida material; vem, segue-me, serás pescador de almas.”

Há mais. Olha para os que falam em nome de Deus, como os pescadores da barca de Pedro.

Os sacerdotes de nossos dias não são suficientes para retirar as redes sobrecarregadas. Vê como fazem sinais, pedindo auxílio. Dirigem-se êles aos homens que ainda se encontram na praia, a gritam (ouves?); “Vinde ajudar-nos! A pesca é tão abundante!”

Oremos para que o apêlo de Jesus aos pescadores de almas não fique sem resposta.

O sacerdote, embaixador de Deus

Há uma personagem que em todos os países goza de grande consideração e é distinguida com honras especiais. Refiro-me ao embaixador, ou seja, o representante de um rei, de um imperador ou de um presidente de república.

E' um homem que se trata como ao próprio Soberano. Expõe êle as necessidades de seu país, defende-lhe os direitos, e envida todos os esforços no sentido de estreitar os laços de amizade entre sua pátria e a nação que o hospeda. Seu senhor certamente nunca será visto no país onde se acha a embaixada, mas o embaixador se encarregará de que, apesar disto, a vontade do Soberano ausente seja tomada em conta no país aludido. Tirar-se-á vantagem das permutas que êle introduzir entre as duas nações, e às vezes, em caso de perigo, poder-se-á contar com o auxílio de seu país.

Em todas as nações, em todas as cidades, em todas as aldeias, Deus, o Rei dos reis, o Rei

invisível, tem um embaixador, que é o sacerdote.

O sacerdote fala em nome de Deus, em nome dêste puro Espírito infinitamente perfeito e soberano senhor de todas as coisas. Defende os interesses divinos e propõe a aliança de Deus a todas as almas. Si é verdade que quanto mais poderoso fôr o Soberano, tanto maior será a dignidade do embaixador, qual não deve ser a grandeza de um sacerdote!

“Depois de Deus — diz o cura d’Ars — o sacerdote é tudo... Quando os homens pretendem destruir a religião, começam por atacar o sacerdote. Quando se declara guerra a um país, começa-se também por despedir o embaixador.”

O sacerdote, sábio religioso

A natureza é, por assim dizer, um livro que todos procuram ler. Vós começais a estudar e ainda sabeis pouco; mas quanto mais trabalhades, melhor comprehendereis as maravilhas que vos cercam. Homens há, muito ilustrados, que conhecem as leis a que o mundo está sujeito, e que escreveram livros admiráveis, afim de vos explicar êstes mistérios da natureza.

Alguns gênios realizaram descobertas importantíssimas, e, graças a êles, a humanidade tornou-se mais rica em matéria de ciência. E' uma riqueza proveitosa à vida de todos. Entre muitos outros, Pasteur, por exemplo, descobre remédio contra enfermidades terríveis, e Branly, com seus estudos, alcança para todos nós a possibilidade de ouvir concertos e conferências por T. S. F.

Cumpre honrar êsses homens, porque prestaram seu concurso à vida material. Há, porém, outros que procuram mostrar ao próxi-

mo, não os segredos da natureza, mas os segredos daquele que é o autor da natureza.

São os sacerdotes, que trabalham pela vida das almas.

Durante longos anos, manuseando os livros de teologia, aprenderam os mistérios revelados por Deus, mistérios que nos alimentam a fé e que para nós são uma prova de amor do Criador e uma inexaurível fonte de esperança.

Os sacerdotes transmitem o conhecimento necessário dos mistérios tanto às crianças do catecismo, como às pessoas de todas as idades e condições.

Graças a êles, os homens poderão chegar à bem-aventurança, depois das provações da vida.

O sacerdote é o sabio que explica a ciência do céu.

O anjo e o sacerdote

Depois de ter estudado o capítulo concernente aos anjos, talvez chegastes à conclusão de que nenhuma criatura, a não ser a Santíssima Virgem, poderia ser a êles comparada.

Há um dito do santo cura d'Ars que precisais conhecer: “Si eu encontrasse um sacerdote e um anjo, cumprimentaria o sacerdote antes de saudar o anjo.

“O anjo é amigo de Deus, mas o sacerdote está em lugar de Deus, na terra...

“Santa Teresa beijava o lugar por onde um sacerdote passara...”

Não há exagêro nestas palavras. O sacerdote é o representante de Deus, e acontece que os próprios anjos se servem do sacerdote para falar-vos à alma, para vos dar conselhos, para auxiliar-vos a permanecer puros como êles o são, e para ajudar-vos a vencer as más ten-

dências do corpo que muitas vezes reclama concessões em detrimento do espírito.

Os anjos amam o sacerdote; os demônios o odeiam e temem em igual proporção. Si lerdes a biografia do cura d'Ars, vereis como os espíritos infernais tentavam vingar em sua pessoa as numerosas conversões que o santo pároco alcançava.

Para nós a provação continua

No paraíso terrestre, nossos primeiros pais, tentados pelo demônio, pensaram encontrar a verdadeira felicidade, não em Deus, mas em si mesmos, e para conseguí-la desobedeceram a seu Criador.

Conheceis as tristes consequências dêste pecado, que logo se fizeram sentir em Adão e Eva e que seus descendentes ainda sofrem e continuarão sofrendo.

Sabeis também quanto é grande a misericórdia de Deus, que salvou o mundo com os sofrimentos indizíveis de seu Filho, Nosso Senhor Jesus Christo.

A provação continua para nós, porquanto a salvação de nossas almas depende de nossa perseverança no bem. Mas a nosso lado não temos apenas um anjo decaído e tentador; Jesus, nosso Redentor, também está conosco, Jesus que nos anima e que quis ficar representado pelo sacerdote junto de cada um de nós.

O sacerdote é a testemunha de nossas lutas contra o demônio, o amigo que nos encoraja no combate, o irmão que nos socorre e nos levanta quando caímos.

É ele um outro Jesus que repete ao Eterno Pai o pedido de perdoar sempre, e que em seu nome, nos perdoa as culpas de que nos arrependemos. Enquanto nos mantivermos perto do sacerdote, o combate não estará perdido.

Ele mostra-nos Jesus e Maria, Jesus, o Salvador, e Maria, a Mãe do Salvador — Maria que só deseja uma coisa, isto é, que não se perca o sangue de seu Filho.

Compreendeis agora o motivo por que Maria é chamada a Rainha do Clero? Suas aspirações e sua dedicada atuação são idênticas às dos sacerdotes que trabalham pela salvação das almas.

A anunciação

A alcôva da Virgem Maria era um compartimento de casa de pobre, casa quadrada com tecto chato formando terraço, servida por uma escada exterior. As paredes brancas resplandeciam ao sol.

Viam-se no modesto quarto alguns esca-bêlos, esteiras, uma mesa, utensílios domésticos, um pequeno moínho de moer grãos e um cântaro com água tirada do manancial que corria na encosta da colina.

Certo dia, a Virgem rezava, quando o arcanjo Gabriel apareceu, inundando de intensa luz a humilde alcôva, e disse:

“Ave, Maria, cheia de graça... Serás mãe de um filho a quem darás o nome de Jesus... Ele será grande — chamá-lo-ão o Filho do Altíssimo. O Senhor lhe dará o trono de Davi, seu pai; e ele reinará eternamente na casa de Jacó, e seu reino não terá fim.”

Respondeu Maria: “Sou a escrava do Senhor.”

Como não terá sido profundo e grande o júbilo da Virgem: era a mãe do Salvador dos homens. . .

Existem almas muito puras de crianças e de adolescentes a quem Deus hoje pergunta: “Quereis dar Jesus ao mundo?”

Quereis ser seu representante, seu sacerdote?

Quereis facilitar seu reinado? . . .

Si um dia ouvirdes a voz de Deus, não vos perturbeis, mas respondei como a Santíssima Virgem: “Sou o servo de Deus.”

Como Maria Santíssima, guardai o segredo, confiando-o apenas ao confessor e depois a vossos pais, e levai vida de criança piedosa, obediente e trabalhadora até ao dia em que Deus vos conduzir ao altar onde produzireis a presença eucarística de Jesus pelo milagre da consagração.

A' margem do capítulo

A vida de Jesus Cristo

Natal

Na gruta de Belém, durante a noite de Natal, a Virgem Santíssima teve a felicidade de dar ao mundo Jesus, o Verbo Incarnado. O acontecimento realizou-se no silêncio da noite. Na ocasião só os pastores foram avisados.

Em Jerusalém e mesmo em Belém a população não dispensou atenção nenhuma ao nascimento do Menino-Deus.

Quando o sacerdote dá Jesus ao mundo no sacramento da Eucaristia, só um pequeno número de adoradores está presente. A multidão dos que ignoram os benefícios da presença sacramental do Salvador, acha-se longe, toda entregue a seus negócios ou a seus prazeres. Ora, Jesus, nascido em um estábulo, salvou e transformou o mundo. Em nossos dias, a Eucaristia, oferecida pela mão do sacerdote, dá ao mundo a possibilidade de aproveitar da Redenção...

Pairando acima da gruta de Belém, os anjos cantaram: "Gloria a Deus nas alturas e paz, na terra, aos homens de boa vontade."

O sacerdote exerce a função dos anjos, e repete, na terra, a seu modo, o canto do Natal: "Paz aos homens que querem seguir o Evangelho, o Evangelho de Jesus, que prega o amor em lugar do ódio; que, em lugar do desespero, ensina a resignação; que mostra a beleza do sacrifício e do trabalho; e que promete a recompensa do céu após as provações da terra.

Como os anjos, o sacerdote apela para a Redenção.

Os milagres de Nosso Senhor

Em um lugar solitario, nas imediações do lago de Genesaré, Jesus viu à sua frente uma multidão de cinco mil homens que lhe pareceram outras tantas ovelhas sem pastor. Sentiu compaixão de todos, e instruiu-os. Como se fizesse tarde, os discípulos disseram:

— Mestre, é preciso mandá-los para suas casas, porque estamos num deserto e a noite se aproxima.

Despedi-los, sabendo que já deviam estar com fome... O caminho era longo... Jesus não aquiesceu à sugestão.

— Quantos pães tendes? — perguntou aos discípulos.

— Cinco pães e dois peixes — responderam.

— Dizei a todos que se sentem.

Depois que viu a multidão sentada sôbre a relva verde, em grupos de 150 pessoas, Jesus benzeu os cinco pães e os dois peixes, e entregou-os aos apóstolos para que os distribuíssem

ao povo. E fez-se o milagre — todos os presentes comeram à vontade, e sobraram doze cestos cheios do alimento distribuído.

No mesmo lago de Genesaré, um dia em que Nosso Senhor dormia na barca de Pedro em companhia dos apóstolos, surpreendeu-os uma tempestade furiosa, que elevava as ondas a grande altura. O vento soprava raivosamente. A barca ora imobilizava-se, ora arrojava-se no abismo entre duas montanhas de água turva. Os apóstolos lutavam em vão contra as vagas desencadeadas. A embarcação já fazia água. O naufrágio era iminente e parecia inevitável.

Mas despertaram a Jesus.

— Mestre — disseram-lhe, aflitos, seus companheiros — não vês que perecemos?! Salvamos!

A tempestade redobrava a violência de seus ímpetos fatais. Jesus levanta-se, e fala aos ventos e às águas, e o lago torna-se de repente tranquilo e claro e azul como nas tardes serenas de verão.

Na estrada, um leproso de aspecto horrível, com o corpo todo carcomido pelo asqueroso mal, fala tímidamente a Jesus: “Si quiseres,

poderás curar-me.” E a uma só palavra do Salvador, a lepra desaparece.

.....

Faz diversos dias que Lázaro está sepultado. Seu corpo decompõe-se. Diante do túmulo em que a morte preside à putrefação do cadaver, Jesus ordena: “Lázaro, sai da sepultura!”

E aquele, que estava morto, aparece à luz do dia, de pé, cheio de vida.

.....

Existe actualmente um homem que realiza milagres sublimes, não nos corpos, mas nas almas.

Uma palavra é pronunciada sôbre um pouco de pão, e a substância do pão não só se multiplica, como também se transforma no corpo de Jesus Cristo.

As tempestades devastam as almas; as paixões arrastam os homens ao mal; os ódios, as injustiças e os crimes campeiam mundo afóra. Com palavras muito suaves, palavras que Jesus lhe ensinou, o homem de que falo faz voltar a paz aos corações agitados e aflitos.

.....

Um pecador vem fazer a confidência de suas misérias, de seus erros, de suas manchas, de suas vergonhas. O homem que o escuta murmura palavras de perdão, ergue a mão

compassiva, faz o signal da cruz, e o pecador
retira-se transfigurado... ..

Perdida a fé, perdido o amor, perdida toda
esperança, porque em sua alma tudo morreu,
um desgraçado presta atenção ás palavras do
homem que fala carinhosamente, que restitue
aos corações a esperança e a fé, que ressuscita
os corações com um pouco de amor divino.
Milagre de caridade: a vida retorna à alma já
morta, o infeliz converte-se, crê, espera, ama.

O homem que transforma o pão, que apla-
ca as tempestades da alma, que cura os lepro-
sos espirituais de hoje, que ressuscita os mor-
tos para a fé..., já adivinhastes, é o sacerdote.

Reflexões diante de um crucifixo

Contemplo a Jesus crucificado, coberto de sangue, as mãos rasgadas, os pés perfurados por grossos cravos de ferro.

Na cabeça a coroa de espinhos que lhe dilacerava a fronte e o crâneo sob os cabelos empastados de suor e sangue.

Todas as lágrimas que o divino Mártir derramou, todas as palavras que disse, todos os golpes que recebeu, todas as gotas de sangue que lhe saíram por todos os poros, tudo o que sofreu teve um só fim: resgatar as almas, resgatar minha alma. E quando exclamou: “Tudo está consumado!” declarou com estas palavras, que a Redenção se realizara.

Jesus morreu para salvar os homens. Não há crime que não possa ser perdoado em virtude de seus méritos.

Em face de um crucifixo, o maior pecador da terra pode dizer: “Jesus crucificado, tenho confiança em ti!”

Sim, Jesus é o Salvador dos homens.

Mas Deus não nos salva contra nossa vontade. A Paixão de Cristo é um remédio que só aproveita a quem quer aproveitá-la.

Para alcançar sublimes benefícios da Redenção é preciso conhecer a Jesus Cristo.

Si os apóstolos tivessem morrido logo depois da morte de seu divino Mestre, si não tivessem continuado sua obra, a humanidade desconheceria as riquezas da Redenção, e, como uma inexplorada mina de ouro, a Redenção ficaria sendo um tesouro inútil.

Si, desaparecidos os apóstolos, não houvesse sucessores que continuassem a obra, si não existisse o sacerdote, ninguém poderia tornar-nos acessível o tesouro espiritual deixado por Jesus aos homens.

“O sacerdote — diz o cura d’Ars — possui a chave das riquezas celestiais. Ele é o economo de Deus, o administrador de seus bens.

Si não fosse o sacerdote, a morte e a paixão de Nosso Senhor de nada serviriam.

“Vêde os povos selvagens. De que lhes serve a morte de Nosso Senhor? Nenhum deles poderá participar do benefício da Redenção,

enquanto não possuírem um sacerdote que lhes aplique os efeitos do sangue de Jesus.”

Lembraí-vos de que o divino Mestre recomendou que orássemos a seu Pai para que enviasse trabalhadores à messe das almas. São precisos muitos sacerdotes, afim de tornarem úteis a morte e a paixão de Nosso Senhor.

As almas no limbo

Diz o Símbolo dos Apóstolos que, depois de sua morte, Jesus Cristo foi despregado da cruz e descido ao sepulcro. Invisível — sua alma foi visitar as almas dos justos, que no limbo esperavam pela Redenção.

As almas dos justos não podiam ver a Deus, porque o céu ainda estava fechado para os homens...

Há no mundo muitas almas retas que não conhecem a Deus. Ninguém lhes revelou os mistérios divinos, e muitos obstáculos provenientes da educação, dos hábitos e do ambiente não lhes permitem a visão do horizonte em que Deus reside. Assim, não têm fé, não têm esperança e não têm amor nenhum a seu divino Pai. Contudo, são almas retas, que obedecem aos ditames da consciência, e procuram evitar todo mal.

Encontram-se em todos os meios, entre os operários, entre os simples, entre os inteligentes, entre os ricos... Virá Jesus mostrar-se, al-

gum dia, a estas almas que se acham nas trevas, como outrora se achavam no limbo as almas dos justos?

Todos os dias Jesus apresenta-se a elas para anunciar-lhes a Redenção, e mostra-se sob a aparência do sacerdote.

Fala-lhes nos exemplos do sacerdote, em sua vida toda, em seus sermões, em suas conversas íntimas, em seus escritos. Todos os dias algumas almas deixam as trevas e entram nos domínios da luz. Já não é possível contar as conversões na Igreja, tão numerosas são. O sacerdote é o anunciador da Redenção. Mais ainda, é espectador e muitas vezes fator de ressurreições maravilhosas.

Jesus serve-se dêle para livrar as almas dos tentáculos do orgulho, da avareza, da impureza, em suma, para purificá-las de todas as manchas que as tornam indignas da amizade de Deus.

O sacerdote não sente pesares na vida, mas sim alegrias muito grandes. E entre todas as suas alegrias, o espectáculo das ressurreições de almas para a graça é uma das mais profundas e confortadoras.

E' a alegria de Maria Santíssima, de Madalena e dos apóstolos verificando a ressurreição de Jesus.

Como êle fala

Certamente já procurastes descobrir o motivo por que ouvindo Jesus dizer: “Vinde, segui-me; de hoje em diante sereis pescadores de homens”, os apóstolos abandonaram tudo, barcas, redes e família, e seguiram a Nosso Senhor. E' que uma voz interior lhes dizia: “Acompanhai a Jesus, atendei a seu apêlo”, e êles obedeceram àquela voz.

Era o Espírito Santo que os guiava e que lhes falava à alma.

Era ainda o Espírito Santo que lhes recomendava acreditassem nos ensinamentos de Jesus, quando verificaram a obstinação das multidões na incredulidade; era Êle que os estimulava a imitar o procedimento irrepreensível do divino Mestre.

O Espírito Santo chegou a pedir-lhes que dessem a vida por Deus. E iluminados por Êle, os apóstolos compreenderam tão bem a verdade de que sua vida pertencia ao Criador, que, com exceção de Judas, todos imedia-

tamente concordaram em submeter-se ao sacrifício supremo. E realmente sofreram o martírio morrendo de diferentes maneiras; êstes crucificados, aqueles com a cabeça decapada pela espada do verdugo, outros com o corpo rasgado pelos dentes de uma serra.

O Espírito Santo fala sempre a nossos corações. E' o nosso condutor, no dizer do cura d'Ars. Ele é que inspira à almas os pensamentos bons, e que em algumas delas faz nascer a nobre aspiração do sacerdócio, o desejo de dedicar todo o futuro, a vida toda a Jesus Cristo!

Fazei por ouvir o Espírito Santo, e dizei-lhe seguidamente: "Que quereis que eu faça? Esclarecei minha inteligência e fortificai minha vontade."

O Monte das oliveiras

Jesus levou os apóstolos ao monte das oliveiras, para de lá enviá-los à conquista do mundo.

Do alto de um monte percebem-se as coisas em conjunto, e a impressão que nos dão à distância não é a mesma que se tem junto delas.

Os pormenores perdem toda a importância. As cidades diminuem de extensão, os palácios aparecem na promiscuidade das casas modestas, os homens mal se vêem. Quanto mais alto subimos, mais se dilata para nós o horizonte do céu e mais se estreita o círculo da terra. Só retifica esta impressão a lembrança que conservamos dos homens e das coisas.

Jesus levou os apóstolos ao monte para mostrar-lhes como as coisas da terra se tornam pequenas, quando com Ele nos elevamos. Mas durante três anos não deixou de conduzi-los à planície, à margem do lago e às cidades, para que vissem a miséria dos homens, sua ignorância, suas necessidades, seus esforços, suas

fraquezas. E disse aos que o seguiam: “Ide, ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.”

Jesus pensou em todos os que mais tarde subiriam, a seu lado, o monte que nos aproxima do céu, pensou nos sacerdotes de ontem, de hoje e de amanhã, pensou provavelmente em vós, e a todos declarou: “Eis que estarei convosco até á consumação dos séculos.”

Dentre nós, quem seguirá a Jesus até ao dia em que puder ouvir, para si só, estas palavras do divino Mestre?

O sacerdote católico

— Sacerdote católico, que pregas tu?

— Prego as verdades que Jesus ensinou, e que se acham contidas no Símbolo dos Apóstolos.

— A quem obedeces?

— Obedeço ao representante de Jesus, ao sucessor de Pedro, ao Papa que na terra está em lugar de Jesus mesmo. Obedeço aos Bispos submissos ao Papa. Em virtude de minha fé e por minha obediência, sou sacerdote da *Igreja Una*.

— Sacerdote católico, que procuras?

— Procuo tornar-me semelhante a Jesus, procuro imprimir, no coração das pessoas que me são confiadas, a imagem do Santo dos Santos, do Filho de Deus. Como meus antecessores, procuro produzir santos para augmentar a relação dos que a Igreja venera. Ofereço a todos os meios de santificação: os sacramentos que dão a vida da graça, que a restituem a quem a perdeu, e que a fortale-

cem. Distribuo na Comunhão o corpo sagrado e a divindade de Jesus. Sou sacerdote da *Santa Igreja*.

— Sacerdote católico, onde estás?

— Em toda parte: na velha Europa, repleta de recordações cristãs onde se reflete a luz de Roma; na Africa adusta e enorme onde o sol chega a ser mortal; na América materializada; na Asia misteriosa e pagã; e na Oceania, terra vulcânica de mártires. Sou sacerdote da *Igreja Universal*.

— Sacerdote católico, quem são teus antepassados?

— Sou o substituto daqueles que os apóstolos consagraram ao serviço de Deus, sou o substituto dos apóstolos a quem Jesus disse: “Quem vos ouve ouve a mim, quem vos despreza a mim despreza.” Sou sacerdote da Igreja dos apóstolos, e como êles procuro os operários que, depois de mim, trabalharão na seara espiritual do universo.

Senhor Jesus, enviai-nos operários.

A paróquia

A paróquia é uma grande família religiosa, e como todas as famílias, ela também tem seu chefe — o cura, que preside às reuniões, dá conselhos, distribue avisos, oferece a Deus as preces dos paroquianos, e sempre está à disposição de todos.

O intendente, magistrado civil, encarrega-se dos negócios materiais da comuna em nome de seus comunicípes. Aos olhos do Estado é o representante oficial dos habitantes das vilas, das aldeias, das povoações e dos campos. A administração entende-se com êle. Por seu intermédio, o governador do Estado é cientificado do que se passa no municipio, e o governador, por sua vez, como alto funcionario que é, comunica ao governo central a situação dos negócios.

O cura é o representante oficial da Igreja, a quem o bispo confia uma parte da sua diocese.

O fiel que obedece ao pároco, obedece ao bispo, que obedece ao Papa, representante de Je-

sus Cristo. Mas que diferença entre o magistrado civil e o pároco! Aquele cuida dos corpos, e éste, das almas; ao primeiro interessam as questões do tempo, ao segundo, as eternas; o magistrado é o representante dos homens, o cura, o representante de Deus.

Escreveu o poeta Lamartine:

“Em cada paróquia há um homem que não tem família, mas que pertence à família de todos; que começa a interessar-se pelos homens desde que os vê no seio materno, e os acompanha até ao túmulo; que abençôa o berço, o leito de morte e o esquife; um homem que as criancinhas habitam-se a amar... um homem que, por dever de estado, é o consolador de todas as misérias da alma e do corpo; um homem que tem o direito de dizer tudo, e cuja palavra cai do alto sôbre as inteligências e sôbre os corações com a autoridade de uma missão divina... Éste homem é o cura.”

Não se pode deixar um município sem intendente, porque a desordem sobreviria.

Poder-se-á deixar uma paróquia sem sacerdote?

Pequeninos brasileiros, em nosso belo país a desolação é grande; muitas igrejas acham-se abandonadas, sem sacerdote...

Os chefes

— Soldado, por que respeitas teus chefes?
Por que obedeces cegamente a suas ordens?

— Um chefe representa para mim a Pátria. Não se discute com a Pátria. Ela tem o direito de exigir meu trabalho, minhas fôrças, minha liberdade, e até a vida, se fôr necessário. Meus chefes decidem de que maneira a Pátria tem necessidade de mim. Assim pensaram todos os que morreram nos campos de batalha. Todas as cruzes que assinalam a sepultura de um brasileiro morto em combate, e os restos sagrados dos heróis da Pátria reclamam de mim o respeito e a obediência aos chefes que têm nas mãos os destinos do Brasil, minha Pátria muito amada.

— Cristão, por que obedeces a teus chefes espirituais: o Papa, os Bispos e os Sacerdotes?

— Obedeço a êles, porque são os representantes daquele que morreu por mim, cravado em uma cruz sôbre o monte Calvário, e que, antes de morrer, disse: “Quem ouve a meus

apóstolos, a mim me ouve; quem os despreza, despreza-me a mim.”

Obedeço, porque, na batalha da vida, a obediência me compete como as responsabilidades competem a meus chefes.

Obedeço de coração, sem discutir e sem recalcitrar, porque sei que de minha obediência depende muitas vezes a salvação dos outros.

Obedeço, porque sou soldado de Cristo. Obedeço ao sacerdote da paróquia, que, por sua vez obedece ao Bispo em comunicação com o Papa, Vigário de Jesus Cristo.

O mediador de Deus

Na vida prática é comum termos necessidade de um mediador.

Ele redige contratos e atas para nós. E' o notário.

Recorremos a êle para pedir conselhos em certas dificuldades, e êle defende nossos interesses, e nos representa perante a justiça. E' o procurador, é o advogado.

Costumamos confiar-lhe nosso dinheiro, para que o faça render. E' o banqueiro.

O mediador a que me refiro serve de intermediário entre nós e os membros da sociedade.

A Igreja é uma sociedade imensa que abrange todas as almas, os santos do céu, as almas do purgatório e os fiéis da terra.

Possue incalculáveis riquezas espirituais, que são os méritos infinitos de Nosso Senhor; os méritos superabundantes de Maria Santís-

sima e dos Santos; e enfim os méritos quotidianamente adquiridos pelos fiéis.

Quem será o mediano entre todos os membros da Igreja? Quem será o mediador de Deus? O notário? O advogado? O banqueiro?

O Sacerdote...

Ele auxilia-nos em nossas relações com o Onipotente, com os santos, com as almas do purgatório.

Aconselha-nos.

Faz render nosso tesouro espiritual.

O guia

Já empreendestes uma ascensão a alguma montanha? Muito cedo ainda, ao raiar do dia, o guia aparece à frente do hotel, e, espera a caravana. E' um rude montanhês. Usa sapatos ferrados, traz à cabeça um velho chapéu de feltro, um rôlo de cordas ao ombro, e apoia-se a uma pequena picareta.

Ainda não é dia, mas já não é noite. Começam a surgir alguns contornos, que as sombras mal deixam vislumbrar.

Silenciosamente todos põem-se a caminho, seguindo um atalho tortuoso que corta as pastagens em declive. Ao pé da montanha a ascensão parece fácil. Começa-se a escalada, rindo e cantando. Mas subitamente todos se calam — a encosta é íngreme e a subida exige redobrado esforço. O caminho torna-se pedregoso, perde-se e quase desaparece entre rochas oscilantes. Continua por uma floresta de pinheiros negros e silenciosos, e passa à beira de um precipício.

Cumpra agora arrastar-se sôbre uma plataforma sem parapeito, acima de um abismo espantoso. O guia pára, desenrola a corda, amarra bem os componentes da caravana e fá-los passar sôbre a plataforma terrível, apesar do susto e da vertigem.

Transposto o mau passo, continua a subida. Mas agora vão todos pendurados á picareta que se crava no solo como um gancho de suspensão. Chega-se a uma ponte de gêlo e de neve estendida sôbre outro abismo. E' preciso atravessá-la, sem dar um passo em falso, sem olhar para o precipício que atrai insidiosamente a atenção do transeunte. O guia cavou alguns degráus na neve. Lentamente, um por um, todos passam para o outro lado.

Muitas pessoas, que tentaram aquela emprêsa sem o auxílio de um guia experiente, caíram no precipício, desaparecendo para sempre.

A escalada continua, difficil, fatigante. Um grito! Um pé escorregou. Alguem caiu e mantém-se agarrado a uma anfratuosidade da rocha. Num salto o guia aproxima-se da pessoa em perigo, segura-a, ajuda-a a levantar-se. E a pequena caravana segue adiante...

Sol, luz fulgurante, céu azul e escampo sôbre um imenso panorama de planícies verdes,

manchas negras de florestas, lagos que parecom dormir, refletindo todo o firmamento.

O cansaço desaparece. A caravana chegou a seu destino. Terminou a ascensão.

A vida é uma ascensão. Começada no crepúsculo matinal da infância, bem depressa nos envolve em sua fadiga, em suas sombras, em seus sofrimentos e em seus perigos. A vida não é sinão uma subida acidentada que em certos trechos passa beirando abismos insondáveis. Muitos não chegam ao alto da montanha, e tombam no vórtice do inferno.

O sacerdote é o guia que nos ergue das quedas, que prepara o caminho nas passagens vertiginosas, que mantém os homens à borda dos precipícios e que sempre os conduz ao céu azul e tranquilo, aos cimos altíssimos, à luz eterna do sol de Deus.

Quando Moisés desceu o Sinai...

Quando Moisés desceu do alto do Sinai, trazendo nas mãos as táboas da lei, viu um ídolo na planície — era um bezerro de ouro. Ao lado havia um altar carregado de vítimas. Diante do ídolo o povo reunido divertia-se, dansando ao som dos pandeiros.

Os israelitas haviam esquecido a aliança que Deus com êles estabelecera.

Indignado, o olhar brilhando em fulgurações de cólera, o peito oprimido pela máguia da profunda decepção, Moisés atira contra a rocha as táboas da lei, que se partem em mil pedaços. Depois caminha para o bezerro, inexoravelmente, tal a personificação da vingança incoercível, e derruba o ídolo, amolga-o e precipita-o no fogo.

O povo libertado por Deus do cativoiro do Egito, logo que recupera a liberdade, esquece-se lamentavelmente do seu divino libertador.

Repete-se hoje o que se passou ao pé do Sinai, nos tempos da peregrinação dos israelitas pelo deserto:

Este homem de que o povo não pode prescindir é o sacerdote, testemunha e voz de Deus.

Sacerdote, hoje mais do que nunca, o mundo tem necessidade de ti, porque precisa de condutores que lhe contrariem os instintos. Deslembrado do benefício da Redenção, o povo entrega-se à idolatria das coisas da terra, abandonando-se aos prazeres dos sentidos e adora o dinheiro, que é o ídolo máximo de nossos dias.

E' absolutamente necessário que em nome de Deus apareça um homem, um novo Moisés, para lembrar o dever da fé e as normas da moral cristã, e para destruir os ídolos levantados em todo o mundo.

A' margem do capítulo

As Virtudes Teologais

O que eu vi...

Vi o lavrador que semeava o grão no solo entreaberto pelo ferro do arado e pelas puas da grade. Soprava o vento gelado do inverno. A natureza devastada parecia morta para sempre.

Pouco tempo depois, vi a semente germinar. A seara anunciava-se abundante.

O grão semeado será o meu pão, e será o meu sangue. O lavrador é um semeador de vida.

Vi o sacerdote que passava pelo mundo, exposto ao frio, e que depositava nas almas o germe da vida eterna, batizando e anunciando as verdades divinas. E as almas passavam a saber quem eram, de onde vinham e para onde iam.

Há vinte séculos, os discípulos de Jesus Cristo repetem aos homens as palavras de seu Mestre:

“Provindes de Deus e deveis voltar a Deus. A vida presente é transitória. E’ como que

uma ponte que nos conduz da terra ao céu. É um período em que somos submetidos à prova da liberdade. Esta prova realiza-se todos os dias nas lutas íntimas entre a solicitação das paixões e as injunções do dever.

“Somos responsáveis perante Deus. A vitória dar-nos-á a vida eterna. Tenhamos ânimo e confiança, porque não estamos sós nesta luta de vida ou morte. Jesus, nosso Redentor, Jesus, nosso irmão, está sempre conosco, está sempre a nosso lado.

“Tenhamos confiança e mantenhamo-nos com valor no bom combate, para alcançar a corôa imortal da bemaventurança.

Há vinte séculos, a luz de Deus brilhou nas inteligências e deu mais força à vontade dos homens.”

O sacerdote é um semeador de vida eterna e de fé, e como tal não cessa de semear, porque as sementeiras sempre devem ser renovadas...

Vi olhos marejados de lágrimas, mãos crispadas em face do sofrimento, corações sangrando no contáto com a miséria, lutas interiores, reparações definitivas.

E vi o pranto secar, vi abrirem-se as mãos, vi os corações apaziguados, porque um sacerdote mostrava Deus além das dôres humanas, e mostrava-O trilhando o caminho doloroso do sofrimento.

Bemdito seja quem prega a esperança.

Os missionários que deixam a pátria para desbravar as terras incultas do paganismo; os humildes párocos das vilas do Brasil ou os curas das cidades que renunciaram à vida fácil, para semear a fé e a esperança, são verdadeiramente grandes em sua humildade de semeadores obscuros, porque são os trabalhadores da eternidade.

**Meus discipulos serão reconhecidos por
êste sinal**

Conheceis a página do Evangelho em que se narra que um homem perguntou a Jesus qual era o maior dos mandamentos. E sabeis o que respondeu o divino Mestre: “Amar a Deus e amar o próximo.”

Amar o próximo. Nosso Senhor repete muitas vezes êste mandamento. Cumpre amar o próximo, sem procurar tirar proveito dêste amor. “Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os côxos e os cegos, e serás bemaventurado, porque teus convidados não têm com que te retribuir. Mas na ressurreição dos justos receberás a recompensa de tua **caridade.**” Lc 14, 13-14). “Amái vossos inimigos, fazei bem àqueles que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem e caluniam, afim de que sejais filhos de vosso Pae, que está nos céus, e que faz nascer o sol para os bons e para os maus, e faz chover sôbre os justos e os injustos” (Mt 5, 44-47).

O apóstolo S. João escrevia: “Não amemos por palavras e com a língua, mas mostremos em atos o nosso amor e amemos em verdade.”

E’ a norma de procedimento que se propõem seguir todos os sacerdotes. E éste é o motivo por que em toda parte, em todos os meios, mesmo nos mais hostís, os sacerdotes trabalham abnegadamente pelo bem do corpo e da alma de seus irmãos.

S. Vicente de Paula, bondoso pároco francês, compreendeu, de maneira admirável, a necessidade do amor cristão.

Fundou diversas obras de caridade, e soube inspirar a seus filhos, os padres Lazaristas, e a suas filhas, as Irmãs de S. Vicente de Paula, edificantes sentimentos de caridade a mais dedicada. E’ conhecido pelo nome de Pai dos pobres.

Já ouvistes falar na lepra — é a mais terrível das enfermidades. Vai carcomendo o corpo e aos poucos faz de um homem vivo um cadáver repugnante. Um leproso provoca a repulsa de todos. Ultimamente, os boletins das Missões anunciaram a morte de um sacerdote, o Padre Castan... Depois de ter pregado o Evangelho, durante muito tempo, na Abissínia e na ilha de Madagáscar, éste Lazarista sentiu-se tão cansado, que foi forçado a abandonar suas atividades apostólicas. Era o repouso depois de um trabalho prolongado, a

ausência de cuidados, a permissão de um pouco de prazer inofensivo e de alegria...

O animoso sacerdote só procurou, então, um pouco de alegria, a alegria que proporcionamos aos outros, esquecendo-nos de nós mesmos. E assim, para descansar, tomou conta do lugar de capelão de um leprosário. E dedicou-se inteiramente aos leprosos de Farafangana, até ao dia em que a morte o tirou dentre os vivos.

Este exemplo não é um caso raro. Na exposição colonial de Vincennes via-se exposto um grupo representando a morte do Padre Dupuy, Jesuíta missionário, cavaleiro da Legião de Honra. A seus lados duas religiosas mada-gascarenses procuram acalmar as dôres atrozes de sua lenta agonia — o Padre Dupuy morre de lepra. Tem o rosto entumecido, roídos os lábios, as orelhas e as pálpebras, e os pés e as mãos como que limados em fórma arredondada. Morreu em 1912, mártir de sua caridade. Amara tantos os pobres, que escolhera os mais desherdados, os mais abandonados, para a êles dedicar-se de corpo e alma.

A pessoa que anima o culto

Ensinaram-vos, nos cursos de religião, que o homem, vivendo em sociedade, deve prestar culto publico a Deus. Assim é que reconhecemos os direitos de Deus sôbre a sociedade; assim é que adoramos publicamente nosso Criador.

Por êste motivo, na igreja de vossa paróquia — seja ela grande ou pequena, humilde igreja de aldeia ou vasto templo de cidade — todos os domingos assistís ás significativas e admiráveis cerimônias do culto. Gostais de acompanhar os officios divinos, o santo sacrificio da missa, as vésperas, as bênçãos, as procissões na nave das igrejas. Ainda pensais ouvir os cânticos e a música do órgão, pensais perceber ainda o aroma do incenso e o perfume das flôres nos altares.

Observastes, sem dúvida, a pessoa que anima o culto, que o organiza e dirige conforme as regras prefixadas pela Igreja. Esta pessoa é o sacerdote, intermediário entre Deus e o homem.

Vêde-o, está vestindo os paramentos sacerdotais: a alva de linho branco, a casula de côres litúrgicas. Celebra êle a missa no altar, à vista de todos os fiéis presentes. Sobe ao púlpito para pregar a palavra de Deus. Expõe Jesus-hostia à adoração dos fiéis. E' êle quem preside à assembléia religiosa. E' a personagem oficial que fala em nome de todos e que apresenta as orações de todos a Deus Onipotente. Desempenha, pois, simultaneamente função religiosa e social com seus paramentos de seda bordados a ouro, na igreja de vitrais luminosos, ante o recolhido silêncio dos fiéis ajoelhados.

E' a personagem oficial designada para o culto, isto é, para o ato mais importante que uma criatura pode realizar, o ato mediante o qual reconhecemos os direitos de Deus sobre a sociedade.

E' a personagem oficial designada pela Igreja para atender aos fiéis. "O sacerdote — dizia o cura d'Ars — não é sacerdote para si, tanto que não dá a absolvição a si mesmo e não administra a si mesmo os sacramentos.

Êle não é destinado a si próprio, mas sim a vós."

A' margem do capítulo

O Culto da SS. Virgem

A SS. Virgem e o sacerdote

Na noite de Natal, a Santíssima Virgem deu-nos seu divino Filho Jesus, Salvador do mundo.

Todos os dias, na santa missa, o sacerdote dá ao povo o mesmo Jesus, Filho da Virgem Maria, Filho de Deus todo-poderoso.

Maria cuidou de Jesus menino. Enfaixou-o e depois o apresentou à adoração dos pastores e dos magos. Levou-o, em seus braços, para o Egito, subtraíndo-o assim à fúria sanguinária de Herodes. Fez o possível para que nada lhe faltasse, de maneira que pudesse crescer normalmente. E, sem dúvida, o mostrava aos pequenos judeus, citando-o como exemplo de filho obediente e trabalhador.

O sacerdote cuida de Jesus na Eucaristia, que parece não possuir mais poder do que uma débil criancinha. Expõe-no à adoração dos fiéis, apresentando-o no altar. Pela palavra e pela ação, impede que o pecado man-

che sua imagem impressa nos corações purificados.

Fala de Jesus às crianças, apontando-o como perfeito modelo de piedade, obediência e trabalho... ..

Durante a vida pública de Jesus, Maria o acompanhou.

Dizia-lhe todo o seu profundo pesar, quando os maus procuravam matá-lo, e dizia-lhe suas alegrias de mãe extremosa, quando o aclamavam. Pediu-lhe um milagre nas bôdas de Caná.

Repetia a si mesma os ensinamentos do Filho.

Testemunhou todos os atos de sua vida, mesmo os menos importantes.

O sacerdote acompanha a Jesus na vida dos cristãos. Sofre, quando o vê ultrajado pelo pecado; alegra-se, quando percebe que o amam.

Aprende os ensinamentos do divino Mestre, e repete-os aos homens. Ora por nós... E' a testemunha silenciosa da obtenção de muitas graças...

Maria acompanhou Jesus ao Calvário, e viu-o morrer na cruz...

Maria teve conhecimento da ressurreição de Jesus.

O sacerdote sabe de muitas ressurreições espirituas que restituem Jesus às almas. . .

Maria assistiu à fundação e ao progresso da Igreja nascente, e a tudo auxiliou com sua ação e suas preces.

O sacerdote também contribue para a dilatação do reino da Igreja de Deus.

Os grandes artistas

Já estivestes nos grandes museus de Paris ou de outra cidade importante? Si já os visitastes, tereis visto galerias de quadros e de escultores diante dos quais os visitantes pararam como que encantados. São as obras-primas, que provocam geral admiração. Parece impossível que alguém consiga apresentar trabalhos melhores do que aqueles.

Provavelmente já vistes quadros e estatuetas expostas em montras de lojas.

Que diferença encontrais entre os primeiros e êstes? Nos dois casos, as pessoas que pintaram as telas e que talharam o mármore ou modelaram o bronze, observaram as leis da perspectiva e as regras da proporção. Mas nos primeiros há alguma coisa mais do que a exacta observância das regras da pintura e da esculptura, há alguma coisa que faz de cada uma daquelas obras, não uma obra apenas, mas uma obra-prima. E' que seus autores trabalharam não só como artífices consciencio-

sos, mas também como artistas inspirados pelas sugestões do próprio gênio. Para chegar a produzir tanta beleza, submeteram-se a não poucos sacrifícios, estudaram, acompanharam cursos especiais, copiaram modelos.

Muitas são as pessoas que se dedicam à pintura, à escultura, à música . . . Mas poucas são verdadeiramente artistas.

Na vida cristã acontece o mesmo. Muitos obedecem aos mandamentos, e não tentam fazer mais. Há, porém, algumas almas que procuram alcançar a perfeição, e pretendem fazer-se artistas espirituais.

Existe uma escola para as almas generosas. No Evangelho, dirigindo-se a todos os homens, Nosso Senhor Jesus Christo diz o que se deve fazer para ser cristão. Mas fala também a um pequeno número de escolhidos a quem dá os seguintes conselhos: renúncia das riquezas, renúncia dos prazeres, submissão incondicional da vontade própria à vontade de Deus. Pode-se assim chegar à perfeição. Os religiosos e as religiosas, que frequentemente encontramos, estão na escola da perfeição espiritual.

Mediante os três votos religiosos, isto é, por compromissos livremente assumidos perante Deus, renunciaram aos bens exteriores que possuíam ou que podiam adquirir, renunciaram a utilizar-se de sua fortuna como bem entendessem.

Renunciaram às santas alegrias da família, para entregar-se a Deus, de corpo e alma, mortificando os sentidos, a imaginação, a sensibilidade.

Sujeitaram a vontade a severa norma de vida.

Estando na escola da perfeição, os religiosos e as religiosas, encontram mais facilidade do que os outros, para fazer da vida uma obra-prima. Vêde, por exemplo, a flôr do Carmelo que foi a Irmãzinha Teresa do Menino Jesus; vêde os religiosos e as religiosas que com todo amor, sem nenhum interesse material, tratam dos doentes e de todos os que a ciência abandona. Lêde nos *Anais da Propagação da Fé* as narrações dos missionários, homens e mulheres, que em todos os climas, até nos gelos do polo Norte, se dedicam ao bem-estar material e moral de seus irmãos.

Rezemos para que haja muitos religiosos e muitas religiosas em nosso país.

O dia do sacerdote

Tanto nas cidades como nas vilas, todas as crianças gostam do domingo. E' o dia de repouso, dia de tréguas para as dificuldades da vida de familia. As roupas de trabalho são trocadas pelos trajes domingueiros. O espirito abandona todas as preocupações da semana. Podem todos procurar as alegrias dos divertimentos honestos, passeios, desportos, etc.

O domingo é o dia do sacerdote.

Muito cedo ainda, os sinos da matriz começam a tocar. O sacerdote já está na igreja, esperando os que precisam receber a absolvição de suas faltas, preparando-se para o santo sacrificio da missa, verificando si tudo está em ordem.

Sente-se feliz, quando vê os fiéis chegarem para rezar e para com êle oferecer a Deus Pai, ao Criador de todas as coisas, seu divino filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Durante a missa, no momento da prédica, lerá no Evangelho a palavra de Jesus, depois

publicará avisos e proclamas de casamento, indicará as horas dos ofícios e enfim explicará uma página do Evangelho ou um capítulo do catecismo. O domingo é, em verdade, o dia do sacerdote, o dia do chefe da família espiritual que é a paróquia.

O sacerdote é um Pai que fala a seus filhos, que os instrue e que os mantém na prática do bem.

Depois da missa, receberá na sacristia as pessoas que durante a semana não puderam falar-lhe. Ouvirá a todos, dará conselhos, procurará responder bem às perguntas que lhe fizerem, prometerá interessar-se por êste ou aquele negócio...

De manhã ou à tarde batizará algumas criancinhas, e passará o resto do dia ocupado em obras de caridade.

A' noite visitará as pessoas que porventura estejam doentes, e voltará a casa onde agradecerá a Deus a graça daquele dia tão rápido, passado no santo trabalho das almas.

O domingo é um dia de alegria para o sacerdote.

Falai com toda a confiança a vossos pais

Os deveres de um filho para com seus pais podem ser resumidos em poucas palavras: amor, obediência, respeito. E'-nos grato amar nosso pai e nossa mãe. E' fácil obedecer-lhes. E' natural respeitá-los.

A êstes deveres acrescentam-se outros igualmente necessários e naturais: o dever de confiança, o dever de abandonar-se a seus cuidados, o dever de lealdade.

Um menino não deve ter segredos para seus pais, mas deve falar-lhes do presente, narrando-lhes sua vida de colegial, e deve confiar a êles seus projetos para o futuro.

Quem de vós não tem projetos para o futuro? Observais, refletis, talvez tenhais alguma aspiração, quereis talvez alguma coisa.

Que fareis mais tarde?

Sereis engenheiro, marinheiro, soldado, médico, sacerdote?

Si pretendeis tornar-vos sacerdote, dizei-o francamente a vossos pais, depois de haver fa-

lado com vosso confessor a respeito de tão nobre propósito.

É uma prova de confiança que lhes dispensais. É também uma prova de que sois prudente e ajuizado.

Para tornar-se sacerdote, é preciso ter certas aptidões especiais. Vossos pais poderão verificar si tendes ou não as disposições necessárias. Serão vossos conselheiros e vos guiarão até ao dia em que fordes admitidos no seminário.

Para uma família cristã é sempre uma grande alegria ver que Deus escolhe um sacerdote entre seus membros. É uma grande honra também. O filho escolhido multiplicará a hóstia no altar, para dar aos homens. Aquelle que é o caminho, a verdade e a vida. Anunciará a todos a caridade do Evangelho, e dirá com autoridade: "Amai-vos uns aos outros." Toda a sua inteligência, todo o seu coração, todas as suas fôrças, toda a sua vida serão consagradas ao bem das almas, e por isto mesmo ao bem dos corpos.

Ide, um dia, assistir a uma ordenação sacerdotal, e, à saída, observai a fisionomia transfigurada dos pais e das mães dos novos sacerdotes. Compreendeis então quão profunda é a alegria de ser pai de um sacerdote, e que honra para toda a família é existir um sacerdote entre seus membros.

Bem-aventurados os que dão bom exemplo

Quando instrua seus discípulos, Nosso Senhor dizia: “Sêde perfeitos como é perfeito vosso Pai que está no céu.” Ensinava-lhes, assim, que deviam servir de exemplo.

No estudo do quinto mandamento, falámos do escândalo, isto é, de tudo o que conduz o próximo ao mal. Lembrei-vos as palavras de Jesus: “Infeliz do mundo por causa de seus escândalos.” Mas não se poderá dizer: “Bem-aventurados os que dão bom exemplo?”

Jesus disse ainda a seus apóstolos: “Sois o sal da terra.” Sabeis que o sal impede a corrupção e que conserva certos alimentos.

Os apóstolos e seus sucessores são realmente o sal da terra, porque, graças a êles, a seus exemplos e à moral que pregam, impedem sempre a corrupção das almas.

Refletí no papel que o sacerdote desempenha.

Quantas contendas, quantas palavras injuriosas, quantos crimes não são por êle impedidos.

Ensina as crianças a dominar suas paixões, a reagir contra os sentimentos de ódio, de inveja, de rancor, de vingança, ou seja, ensina-lhes a reagir contra tudo o que contribue para a violação do quinto mandamento de Deus. Faze que todos repitam a mais bela de todas as orações: “Perdoai-nos nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores... Não nos deixeis cair em tentação.”

Aos que sofrem, lembra as grandes esperanças do céu, e explica que o sofrimento tem o seu lado bom, porque é meritório e santificador.

Quantos suicídios não terão sido impedidos por suas palavras de consôlo.

A vida do sacerdote é também um exemplo, porque êle vive lealmente, em conformidade com sua fé, combatendo assim contra o terrível flagelo do escândalo.

Como é sublime o papel do sacerdote entre os homens!

Se quereis tornar-vos sacerdotes, sêde puros

Aos que querem abraçar o sacerdócio, digo e repito: “Não vos será difícil realizar tão belo propósito, si sois verdadeiramente puros. Quereis ser como Jesus, pois que o sacerdote é o substituto de Cristo. Sêde puros.”

E' bem possível que não consigais viver sempre uma vida tranquila como a de vossos anos de infância, talvez tenhais que defender os sentidos, a imaginação e a sensibilidade. Mas lutareis alegremente.

Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque verão a Deus! Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque serão amigos de Jesus, que se compraz em sua companhia. Ouví o que dizia Bossuet:

“Quem poderá descrever a beleza de um coração puro?

“Um espelho perfeitamente brunido, o ouro escrupulosamente purificado, um diamante sem jaça, uma fonte de água límpida... nada disto é comparável à beleza e à limpidez de

um coração puro. Para que um coração seja realmente puro, é preciso tirar dêle toda e qualquer impureza, sobretudo as que provêm dos prazeres sensuais, porque uma só gota dêstes prazeres turva completamente as águas desta fonte clara e tranquila. Como é bela, como é encantadora a fonte incorruptível de um coração puro!

“Compraz-se Deus, reflectindo-se nela em toda a sua beleza. O lindo espêlho transforma-se em astro, tantos e tão brilhante são os raios luminosos, que o penetram. E cintila desprendendo fulgurações cambiantes. A pureza de Deus junta-se à nossa, que Êle mesmo operou em nós. Nossos olhares purificados vê-lo-ão brilhar em nós mesmos e em nós mesmos luzir com luminosidade eterna. Bemaventurados, portanto, os que têm o coração puro, porque verão a Deus” (1).

Compreendeis agora a razão por que Jesus escolhe os corações puros. Êles trazem a Deus consigo e refletem a luz de Deus. Podem ensinar e praticar a moral evangelica, moral de pureza e de renúncia.

Os puros poderão erguer em suas mãos o corpo sacrossanto do Filho de Deus, o corpo de Jesus, filho puríssimo da Virgem Imaculada.

(1) Bossuet, *Méditations sur l'Évangile*. VII jour.

Um sacerdote consegue mais do que dez juizes

Sabeis que as leis de nosso país, assim como as leis das demais nações, repetem o que a consciência e os mandamentos de Deus proclamam: “Não te apossarás dos bens alheios”. Os tribunais, os juizes e a polícia obrigam os cidadãos a respeitar as leis. Si alguém comete um roubo, a polícia investiga e procura o culpado, que é preso, julgado e, enfim, punido pela justiça.

E' preciso que assim se proceda. Os juizes e todos os que os auxiliam desempenham funções sociais indispensáveis — defendem a sociedade contra os malfeitores.

Há, porém certas faltas, as faltas por pensamento, que os poderes públicos não podem reprimir, e diante das quais se sentem desarmados. No entanto, estas faltas são as causas primeiras das maiores desordens e das mais graves injustiças.

Mas na Igreja existe um mandamento que dá mais fôrça ao preceito de respeitar os bens

alheios. E' êste o mandamento: "Não cobiças o bem do próximo".

Sabeis o que isto significa: todo desejo voluntário de apoderar-se de um bem alheio por meios injustos é pecado.

Como a sociedade civil, a Igreja também tem seus juizes, que zelam pela observância dos mandamentos: são os sacerdotes. Por intermédio dêles dirige-se ela aos culpados e fá-los renunciar a seus projetos maus.

Sem empregar a fôrça, sem recorrer à policia, dirigindo-se apenas à fé dos culpados, ela os leva ao arrependimento e à aversão de suas faltas contra a justiça.

Enquanto a lei civil só pode punir o fato, o ato criminoso, a lei religiosa impede que o crime se realize, corta o mal pela raiz, não vinga a sociedade, mas sim a preserva.

Compreendeis agora o papel que o sacerdote desempenha na sociedade? Êle, só, consegue mais do que dez juizes com todos os seus guardas muito bem armados.

Defendei vossos chefes

Ao lerdes o Evangelho, certamente não vos passou despercebido um importante aviso de Jesus a seus apóstolos: “Os homens apoderar-se-ão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões, levando-vos de rastros à frente dos reis e dos governadores, tudo por causa de meu nome. E isto acontecerá para que presteis testemunho. Entretanto não vos preocupeis com o que deveis responder, porque vos inspirarei respostas que vossos adversários não poderão contradizer nem contestar.” Em seguida Jesus predisse o martírio a vários de seus discípulos.

Sabeis que a predição de Jesus se realizou ponto por ponto. A Igreja desenvolveu-se em plena perseguição. Quase todos os apóstolos derramaram seu sangue para demonstrar sua fé. Milhões de cristãos seguiram tão sublime exemplo. Mentiras, as calúnias mais infames, falsos testemunhos, todas as falsidades foram inventadas contra eles. E eles defenderam-se,

mostrando simplesmente o que eram: adoradores do único Deus verdadeiro, pessoas caridosas e pacíficas, almas de moral irrepreensível.

Conheceis a história do mártir S. Lourenço. Acusado de acumular riquezas, pediu três dias a seu juiz para reunir todas elas. Terminado o prazo concedido, o santo apresentou em juízo os coxos, os cegos, os doentes que socorria, e declarou: “Aqui está toda a minha fortuna”.

A vida da Igreja continua sempre a mesma. Nos países de missões há perseguições violentas e todos os anos fiéis e sacerdotes são mártirizados. Mas nas outras nações não acontece o mesmo. Entretanto, existe nelas outra forma de ataque: a mentira, a calúnia. Procuram por êste meio anular a influência dos discípulos de Cristo. Caluniam o Papa, os Bispos, os Sacerdotes, e, aferrados ao propósito satânico de destruir a Igreja, certos homens repetem as calúnias anticlericais, publicando-as em livros, em revistas, em diários. Sabem que à fôrça de mentir conseguirão que nos espíritos desprevenidos fique alguma coisa de suas mentiras.

Desconfiai das calúnias.

Observai bem a obra da Igreja. O Papa, os Bispos e os Sacerdotes nem precisam falar para defender-se — fala por êles tudo o que

fizeram, tudo o que ainda fazem. Vivem ocupados com obras de caridade; consolam os pobres, procuram aliviar-lhes as privações; tentam fazer reinar a paz entre os homens; passam a vida ensinando às crianças seus deveres para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Nas igrejas, por meio de sermões, nas casas de caridade e nos centros de estudos, por meio da boa imprensa, propagam e repetem sempre a mesma doutrina, a mesma moral.

Quando diante de vós atacarem nosso Santo Padre o Papa, vosso Bispo e vossos Sacerdotes, defendei-os animosamente, proclamando sempre e em toda a parte o bem que fazem.

A legislação da Igreja

Sabeis que a Igreja é uma sociedade perfeita, que tem suas leis, tal qual a sociedade civil.

Em nosso país temos os códigos brasileiros, admiráveis conjuntos de leis a que como cidadãos obedecemos. Como católicos temos o código da Igreja, que é o código do direito canônico. O número dos artigos dêste código eleva-se a 2.214, número um pouco superior ao dos artigos do Código Civil Brasileiro. Contém êle algumas leis que dizem respeito aos clérigos, aos religiosos e aos leigos; outras que constituem o código do processo e o código penal da sociedade eclesiástica. O estudo do direito canônico é tão difficil como o do civil, e exige igual esforço.

Os jurisconsultos, os magistrados e os advogados levam estudando o código civil, quando estudantes e quando seguem o curso da Faculdade de Direito.

Nos seminários, os futuros sacerdotes estudam a legislação eclesiástica. Muitos sacerdotes têm título de bacharel, de licenciado ou de doutor em direito canônico.

Por conseguinte, assim como pedis conselho ao advogado para o que se refere à vida civil, podeis consultar o sacerdote para tudo o que se refere às leis da Igreja — êle vos responderá.

Lendo a História do Brasil

Vi um colegial folhear sua História do Brasil, um manual que apresentava ao leitor as diversas épocas da civilização brasileira.

Depois de cada época, o autor mencionava os homens ilustres que mais haviam contribuído para o bem do país.

Vi o colegial demorar a leitura nas páginas onde se narravam os feitos de Matias de Albuquerque, Henrique Dias e Felipe Camarão, que eram o terror de nossos inimigos daqueles tempos — os holandeses. Vi-o permanecer pensativo depois de ler o episódio em que Henrique Dias, ferido no punho esquerdo e supondo envenenado o ferimento, mandou amputar estoicamente a mão, e disse: “Bastame uma para servir a meu Deus e a meu rei.”

Em seguida, seu olhar deteve-se na extensa lista dos nomes de todos os que foram úteis à pátria: diplomatas, inventores, filântropos, o Barão do Rio Branco que aumentou o território nacional, Santos Dumont que descobriu

a dirigibilidade das aeronaves, José do Patrocínio que dedicou seu talento invulgar à abolição da escravatura, e tantos outros.

Folheou ainda algumas páginas e chegou aos tempos atuais, aos grandes nomes dos tempos modernos, entre os quais sobressai o de Oswaldo Cruz.

Da História do Brasil parecia sair uma voz que dizia: — A vida é bela para o homem que faz o bem a seus semelhantes, a sua pátria, a toda a humanidade.

Considera Oswaldo Cruz. Graças a seus esforços, o flagelo da febre amarela, que tantas vítimas fazia, foi definitivamente debelado.

Que farás de tua vida?

Procurarás fazer o bem e combater os flagelos. Existe um flagelo terrível, principio de muitos outros — é o pecado.

Vê como são numerosos os males que os vícios, a cólera, o orgulho, a impureza causam ao homem. Queres livrar destes males a humanidade? Faze-te sacerdote para lutar contra o pecado. Ao orgulho proporás a humildade; à avareza, o desprendimento dos bens da terra; à luxúria, a castidade; à inveja e à cólera, o amor ao próximo.

O maior benfeitor da humanidade é Jesus. Sê discípulo de Jesus.

Aquele que dá a beber a água viva

Um dia, Jesus sentou-se junto ao poço de Jacó. Uma mulher aproximou-se para tirar água.

Jesus pediu que lhe desse de beber, e ela, muito surpreendida, perguntou: “Sois judeu, e apesar disso pedis água a mim que sou samaritana?” Jesus respondeu: “Si conhecesses quem te diz: — *Dá-me de beber*, certamente lhe pedirias que te mitigasse a sêde, e êle te daria água vida. Todos o que beberem a água dêste poço, tornarão a sentir sêde. Mas quem beber a água que eu lhe der, não sentirá sêde nunca mais, e a água que eu lhe der, tornar-se-á nelẽ um manancial vertendo para a vida eterna.” Disse então a mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não torne a sentir sêde”.

A samaritana representa todas as almas que sentem sêde de felicidade, e que procuram a felicidade onde quer que supõem encontrá-la.

Observai o que se passa em vós. Que quereis? Que desejais? Ser felizes.

Há um homem que substitue a Jesus, que fala em nome de Jesus, e que mostra onde se encontra a verdadeira felicidade. E' o sacerdote.

A verdadeira felicidade — diz êle — encontra-se na vida de Deus, que se dá a nós. Nossa alma é como um fragmento de cristal que nas trevas mal se nota, mas que brilha intensamente à luz do sol.

O sol de nossa alma é Deus. E o sacerdote é quem apresenta nossa alma aos raios luminosos do sol divino.

Felizes as almas que procuram e encontram o sacerdote. Mas, também, feliz do sacerdote, si encontra uma alma que procura a Deus.

Como Jesus, o sacerdote deve ter sêde de almas.

A oração pelo sacerdote

Naquele dia — diz o Evangelho — Jesus subiu a um monte para rezar, e passou a noite orando a Deus. Quando raiou o dia seguinte, chamou seus discípulos e escolheu doze dentre êles, que intitulou apóstolos (Lc 6, 12).

Assim, antes de agregar definitivamente aqueles homens a sua pessoa, antes de fazê-los seus apóstolos, seus sacerdotes, Jesus reza.

Jesus reza ainda antes de deixá-los. Na página do Evangelho em que S. João nos refere a prece de Nosso Senhor pelos apóstolos, lêem-se as seguintes palavras do divino Mestre:

“Pai, revelei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus e m’os deste, e guardaram tua palavra. Sabem agora que tudo o que me deste vem de ti, porque lhes transmiti as palavras que me deste. E êles as receberam, e conheceram verdadeiramente que me enviaste. E’ por êles que eu rezo. Não rezo agora pelo mundo, mas por aqueles que

me deste, porque são teus. . . Santifica-os, Pai, guarda-os de todo mal” (Jo 17, 6 ss).

Foi, pois, Jesus quem primeiramente orou pelos sacerdotes. E é Jesus quem nos pede que oremos por êles.

Alguns meses antes de deixar o mundo, lembra-nos Êle o dever de pedir vocações a Deus Pai. Compara a terra com um imenso campo cultivado e as almas com as espigas deste campo. Verifica a urgência da ceifa, vê que os trabalhadores são poucos, e diz: “A seara a recolher é grande, mas o número dos trabalhadores é insignificante. Rogai, pois, ao dono da seara afim de que mande mais gente para trabalhar em sua messe” (Lc 10, 2).

Compreendeis bem — quero crer — que compete a nós rezar pelo recrutamento sacerdotal. Compete-nos também rezar para que os sacerdotes sejam realmente o sal da terra, verdadeiros substitutos de Jesus neste mundo de tristezas e aflições.

Na liturgia da Igreja, a oração pela santificação do sacerdote alia-se à súplica pelas vocações sacerdotais.

Se tiverdes ocasião de assistir a uma ordenação, ficareis conhecendo as admiráveis preces da Igreja por seus ministros.

No decorrer das quatro têmporas que precedem as ordena es, os fiéis são convidados a rezar nas mesmas intenc es.

Mas todos os dias deveis oferecer sacrifícios e preces pelo sacerdócio. Santa Teresinha do Menino Jesus, que entrou no Carmelo quando tinha quinze anos de idade, dizia o seguinte: "No exame solene que prestei antes de professar, declarei o que pretendia fazer no Carmelo: salvar as almas e sobretudo rezar pelos sacerdotes.

O intendente de Deus

O sacerdote é intendente de Deus, pois Deus lhe confia uma parte de suas riquezas para que êle a faça frutificar nas almas. Ministra êle a graça por meio dos sacramentos, que são os condutos da vida divina. Penetrai em uma igreja e vereis que alí tudo indica a ação do sacerdote.

Logo à entrada acha-se a pia batismal aonde todas as crianças nascidas em familia cristã são levadas, para que sôbre a fronte lhes corra a água regeneradora derramada pelo sacerdote.

Nas partes laterais das naves estão os confessionários. A penitência, táboa de salvação depois do naufrágio, é o segundo batismo que restitue a graça aos que a perderam. "Absolvo-te de teus pecados", diz o sacerdote.

Chegais ao altar e dobrais piedosamente o joelho diante do tabernáculo que guarda a Eucaristia. Quem a colocou no tabernaculo? O sacerdote. Êle tem a Eucaristia à vossa dis-

posição. Podeis recebê-la à sagrada mesa. E o sacerdote dirá “Que o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo vos guarde a alma para a vida eterna.”

Esperai um pouco, e talvez vejais entrar na Igreja um casal de noivos, cercado por uma família feliz. O moço e a moça vêm prestar, diante do representante de Deus, o juramento que os ligará para toda a vida.

Mas aonde vai o sacerdote que sai precipitadamente de casa, depois de ter-se munido dos santos oleos? Ultimo consôlo, último amigo de quem está à morte, vai dar a alguém o sacramento da Extrema Unção.

Como tinha razão o santo cura d’Ars quando dizia:

“Que é o sacerdote?

“Um homem que ocupa na terra o lugar de Deus...”

“Um homem revestido de todos os poderes de Deus...”

Quando vêdes um sacerdote, deveis dizer: “Eis quem me tornou filho de Deus, quem me abriu o céu pelo batismo, quem me purificou depois que pequei, quem me alimenta a alma.”

E’ o intendente de Deus, o dispensador dos sacramentos.

Pode-se compará-lo ao servo a quem o rei confiou cinco talentos: o Batismo, a Penitência, a Eucaristia, a Extrema Unção, o Matrimônio.

Durante sua vida terrestre, êle os faz frutificar nas almas.

Bemaventurado o sacerdote a quem Deus, o Rei dos reis, der a recompensa eterna, dizendo: "Servo bom, entra na alegria de teu Senhor".

Como é bela a vida do sacerdote!

Alegria de sacerdote

Jesus disse a seus apóstolos:

— Ide, ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo.”

O Batismo é condição essencial para que se recebam os outros sacramentos; é uma transfusão de vida em que recebemos a própria vida de Deus.

O sacerdote que batiza, é como que um jardineiro que enxerta uma roseira silvestre. O humilde arbusto dará depois as mais lindas flôres do jardim.

Entre todas as alegrias do sacerdócio, e elas são numerosas, mais numerosas talvez do que em outra qualquer condição humana — uma das mais vivas é a de administrar o sacramento do batismo.

Que quer o sacerdote?

O reino de Deus. Toda a sua vida é dedicada à busca de almas. Ele procura a pérola

preciosíssima que é uma alma em estado de graça, para oferecê-la a seu divino Mestre!

Quanto mais brilho tiver a pérola, mais se alegrará êle. As almas das crianças são as preferidas por Jesus. Nosso Senhor descansava de suas fadigas e de sua vida mortal, contemplando os olhos inocentes das criancinhas. E' que nas almas infantis se reflete melhor a imagem de Deus.

Ouví o diálogo dos padrinhos e das madrinhas com o sacerdote, no momento do batismo:

— Que pedis à Igreja de Deus?

— A fé e a vida eterna.

Si quereis entrar na vida eterna, observai os mandamentos. Amareis ao Senhor vosso Deus, de todo o coração e de toda a vossa alma, e amareis ao próximo como a vós mesmos.

Continua o diálogo:

— Renunciais a Satanás?

— Renuncio.

— A suas obras?

— Renuncio.

— A suas pompas?

— Renuncio.

A alma da criança compromete-se, por intermedio das pessoas que falam em seu nome.

Segue-se uma tríplice profissão de fé cristã:

— Crêdes em Deus Padre Todo-poderoso?

— Creio.

— E em Jesus Cristo, Nosso Senhor, seu unico Filho, que nasceu e sofreu?

— Creio.

— E no Espirito Santo, e na Igreja Católica...

Sôbre a cabeça da criança a água corre: “Eu te batizo em nome do Padre, do Filho, do Espirito Santo.”

Pouco depois, quando inserir o nome da criança no registo da paróquia, o sacerdote agradecerá a Deus por lhe ter permitido contar mais uma alma cristã entre seus paroquianos.

E cuidará daquela alma como um pastor cuida de uma ovelha. Mais tarde, dar-lhe-á instrução, preservando-a do mal, para que diante de Deus ela brilhe sempre com o esplendor do batismo.

O Bispo

Recebestes o sacramento da Confirmação administrado pelo Bispo, que é o chefe da diocese escolhido pelo Papa.

Vistes o digno prelado coberto com sua mitra bordada a ouro, apoiando-se a seu báculo de metal recurvado no alto, báculo que lembra o cajado do pastor e que é o simbolo do poder episcopal. Disseram-vos: “O Bispo é o sucessor dos apóstolos e possui a plenitude do sacerdócio. O sacerdote administra os sacramentos do Batismo, da Penitência, da Eucaristia e da Extrema Unção, e assiste ao Matrimônio como testemunha oficial. O Bispo, além destes poderes, tem ainda o de dar o Espírito Santo na Confirmação, e o de ordenar sacerdotes.

Pensai bem na autoridade e na grandeza do Bispo, procurando as conclusões que decorrem de vossas considerações a respeito. O

Bispo é a personagem que na diocese tem direito à mais pronta obediência, ao respeito mais profundo e também a um grande amor filial, porque é um pai para seus diocesanos. Ele está em lugar de Deus, como os apóstolos estavam em lugar de Cristo. E' enviado pelo Papa, como os apóstolos eram enviados por Jesus.

Algumas reflexões

“Não vim chamar os justos, mas sim os pecadores,” dizia Jesus. E para ilustrar suas palavras por meio de imagens que todos pudessem compreender, narrava a história da ovelha perdida: O Bom Pastor verifica que falta uma das cem ovelhas de seu rebanho, e sai logo à sua procura. Quando a encontra, põe-na aos ombros, e leva-a novamente para o aprisco.

“Haverá no céu — declara Jesus — mais alegria por um só pecador que faz penitência, do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de conversão.”

Compara Êle a alma pecadora à dracma perdida: Certa mulher, que possuía dez dracmas, perde uma das moedas. Imediatamente acende a lâmpada, varre a casa, e procura a moeda perdida até que a encontra. Vai então a suas vizinhas e diz: “Alegrai-vos comigo, pois achei o dinheiro que perdera.”

Jesus conta enfim a parábola do filho pródigo.

Durante sua vida terrestre, o divino Mestre dissera aos pecadores: “Vossos pecados estão perdoados”. Lendo as parábolas acima, compreende-se que Ele dá aos apóstolos, e na pessoa destes a todos os sacerdotes, o poder de perdoar os pecados, quaisquer que sejam.

“Como meu Pai me enviou, eu também vos envio. Recebei o Espírito Santo. Os pecados que perdoardes, serão perdoados; os que retiverdes, serão retidos.”

E’ o poder do sacerdote que obedece a Jesus, absolvendo o pecador.



O sacerdote é o médico da alma. O verdadeiro médico tem seu diploma. Trabalhou durante longos anos, conhece a anatomia do corpo humano, as diversas enfermidades, a cirurgia, a medicina geral. Sabe dar conselhos que salvam da morte, sabe indicar regimes necessários. O sacerdote, verdadeiro médico das almas, passou longos anos no seminário, estudando a alma humana, suas necessidades, suas doenças. Conhece a fundo a teologia moral. Sabe o que deve aconselhar;

um tratamento demorado ou uma operação rápida para debelar o pecado.

Possue diplomas assinados por seu Bispo.

*
* *
*

O bom médico é um homem de ciência, de estudo, de reflexão; um homem discreto, comprometido ao segredo profissional.

O bom confessor é sempre um homem de ciência religiosa.

Ausculta a alma, para verificar se tem contrição. Faz algumas perguntas, como o médico, para conhecer a gravidade do mal. Estuda os casos difíceis, reflete. E' pessoa de tal discrição, que deve estar pronto a dar a vida, afim de manter o sigilo da confissão sacramental.

Leva seu devotamento ao próximo a ponto de ir procurar o pecador prestes a morrer, a ponto de esperar na igreja os que desejam purificar-se, e muitas vezes cumpre êste dever em detrimento de sua saúde.

Como Jesus, pode dizer: "Vim para os pecadores".

*
* *
*

“Todo sacerdote traz em suas mãos a virtude do sangue expiatório de Jesus Cristo. Mediante êste tesouro, pode êle absolver, e é Jesus quem por êle absolve. Mesmo que houvesse na terra um só sacerdote, suas mãos consagradas conteriam graças suficientes para perdoar todos os pecados dos homens.” (Desurmont, *Charité sacerdotale*, I. 361).

*
* *
*

As alegrias da vida

No país do ouro, o mineiro revolve o solo, cava-o, examina. A fadiga é grande, o suor escorre-lhe pelo rosto. Mas, subitamente, seus olhos brilham de alegria — encontrou um pouco de ouro que refulge incrustado na pedra.

A felicidade fá-lo esquecer seus sacrifícios,

O artista trabalha em seu *atelier*. O bloco de mármore ainda não tem delineamentos precisos, mas já se vislumbra sua fôrma. Sob a ação do buril os contornos vão aparecendo melhor, tornando-se mais nítidos. O artista finalmente sorri. Criou uma obra-prima, extraíndo-a do mármore informe e duro.

Em seu leito de dôres um doente luta contra a morte. O médico observa-lhe os movi-

mentos, reflete e receita um medicamento de urgência.

A febre declina, o doente está salvo. A fisionomia do médico assume uma expressão de felicidade, refletindo seu contentamento interior.

O sacerdote que dá a absolvição é como o mineiro, o artista e o médico.

A alma é ouro mais precioso do que o ouro mais puro. O sacerdote é um mineiro que separa da terra a alma aprisionada, tirando-lhe o envólucro em que seu brilho desaparece.

E' um artista que apresenta a Deus a mais linda obra-prima da criação, devida a seu trabalho: uma alma em estado de graça.

E' um médico que zela pelo doente, e que o salva.

Não haverá entre vós mineiros, artistas ou médicos?

Algumas reflexões

“Sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente.

“Ora, o pão que darei é minha própria carne, para tornar-se a vida do mundo.”

Ouvindo isto, os judeus entraram em violenta discussão.

— Como é possível — diziam — que êle nos dê sua carne para a comermos!

— Em verdade, em verdade vos digo, se não comerdes a carne do Filho do Homem, e se não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós. Aquele que come minha carne e bebe meu sangue, permanece em mim, assim como eu nêle permaneço.”

Pouco tempo depois, ao redor de Jesus só se achavam os apóstolos. As demais pessoas presentes haviam-se retirado, murmurando:

— A linguagem dêle é intolerável. Quem pode ouvi-la?

Jesus, dirigindo-se então aos doze, perguntou:

— E vós, quereis também abandonar-me?

— A quem iríamos nós, Senhor? — falou Pedro. — Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos e reconhecemos que és o Cristo, Filho de Deus.

Os apóstolos acreditavam na promessa da Eucaristia, e deram um grande exemplo de fé aos que punham dúvida ou negavam o sublime mistério.

Hoje, no mundo, os sacerdotes que dedicam sua vida a Jesus Hóstia mantêm, por todos os atos, a fé neste divino mistério de amor.

*
*
*

Como sabeis, na noite da última ceia, depois de ter observado tudo o que prescrevia a lei da Páscoa, Jesus deu-se a si mesmo, com suas próprias mãos, a seus discípulos, para servir-lhes de alimento espiritual..

Sobre o pão, disse: “Isto é meu corpo.” Sobre o vinho: “Isto é meu sangue.” Em seguida acrescentou: “Fazei isto em memória de mim.”

Jesus acabava de criar o sacerdócio. Por isto é que a Quinta-feira Santa é um dia de festa para o sacerdote.

*
*
*

Por que instituiu Jesus a Eucaristia? Para permanecer conosco, para incorporar-nos a Ele. Ouví ainda o que Ele diz:

“Eu sou a videira e meu Pai é o Senhor da vinha. Todos os sarmentos que não derem frutos em mim, serão cortados por Ele. Mas os que derem frutos, serão podados, para que frutifiquem mais.”

“Permaneci em mim e eu permanecerei em vós. O sarmento não pode dar fruto, se não se conserva unido à videira. Assim vós, si não permanecerdes em mim.

“Eu sou a videira e vós sois os sarmentos. Aquele que permanece em mim e no qual eu permaneço, dará frutos em abundância, porque sem mim nada podereis fazer.”

Quem dará a vida aos sarmentos, quem os unirá à videira que é Jesus Cristo? O sacerdote, que todos os dias diz sobre o pão e sobre o vinho: “Isto é meu corpo, isto é meu sangue.” Com o sacerdote é fácil manter-se unido a Jesus.

A primeira missa

Realizou-se ela no Cenáculo. Os sacrifícios antigos desapareceram diante do Cordeiro de Deus, pronto para o sacrifício da cruz. Jesus fez notar a ligação da Eucaristia com a cruenta oblação do Gólgota para resgate dos homens. “Isto é meu corpo — disse Ele — que

será entregue por vós. Isto é meu sangue, que por vós será derramado.”

E os primeiros sacerdotes de Jesus comungaram naquela primeira missa.



Todos os dias, no altar, o sacerdote ocupa o lugar de Jesus. Em face da cruz, que lembra os horrores do Calvario, diz êle em nome do Mestre: “Isto é meu corpo, isto é meu sangue”.

“O sacerdote é o ministro de Deus. Repete na consagração as palavras de Deus, em obediência a uma ordem e instituição divina. Mas Deus, a cuja vontade tudo está sujeito, e a cujas ordens tudo obedece, é o principal autor do milagre que se efetua sôbre o altar, e é Êle quem o opera invisivelmente.” (Imitação de Cristo IV, 5).



O sacerdote revestido dos paramentos ocupa o lugar de Jesus Cristo para apresentar a Deus suas humildes orações por si mesmo e por todo o povo.

Traz no peito e nas costas a reprodução da cruz do Salvador, afim de sempre lembrar-se da paixão de Jesus Cristo.

Tem a cruz reproduzida no peito da casula para considerar atentamente os passos de Jesus Cristo, e animar-se a segui-lo.

Tem a cruz reproduzida na parte posterior da casula, para aprender a tolerar resignadamente, por amor a Deus, todo o mal que os homens lhe façam.

A cruz no peito incita-o a chorar seus próprios pecados; a cruz nas costas incita-o a chorar compassivamente os pecados alheios. E lembrando-se êle de que é o medianeiro entre Deus e o pecador, não cansa de oferecer orações e sacrificios, até que obtenha misericórdia e a graça do perdão.

Quando celebra a missa, o sacerdote honra a Deus, eleva-se à categoria dos anjos, realiza um ato edificante para a Igreja, consegue socorro para os vivos, repouso para os mortos, e faz-se a si mesmo participante de todos os bens.

*
* *
*

“Como são grandes, como são gloriosas as funções dos sacerdotes, a quem é dado consagrar ao Deus de majestade por meio de palavras santas, a quem é dado bendizer a

Deus, tendo-o entre as mãos, recebê-lo na boca e distribuí-lo aos homens” (Imitação de Cristo IV, 9).

*
* *
*

Os cristãos constituem uma grande família, e possuem um magnífico tesouro: as riquezas espirituais. Todas as missas que se celebram no mundo, aumentam diariamente êste tesouro.

Os sacerdotes são os dispensadores da riqueza espiritual do universo.

*
* *
*

Como o pai de família que distribue alimento aos filhos, o sacerdote dá às almas o alimento espiritual da santa comunhão.

“Que o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo vos guarde a alma para a vida eterna.”

Depois que distribuía a Eucaristia, o cura d’Ars ficava a pensar que os fiéis que tinham recebido a Jesus, levavam o céu consigo para suas casas.

Disse êle um dia que os comungantes “eram tão felizes como o seriam os Magos, si tives-

sem podido levar o Menino Jesus consigo.” O sacerdote faz mais do que Maria no presépio, pois dá Jesus, para que o levem.

*
* *
*

Antes da última viagem da terra ao céu, o sacerdote põe-nos em companhia de Jesus. Dando-nos o Viático, diz: “Meu Irmão, recebe o Viático do corpo e do sangue de Jesus Cristo, para que te defenda contra o inimigo perverso, e para que te conduza à vida que não termina.”

E’ o sacerdote quem faz luzir a última esperança.

O último amigo

Os infelizes, os doentes e os agonizantes têm um amigo que não os abandona e que sempre está à sua disposição. E' um homem que escolheu voluntariamente a companhia dos que sofrem.

Já adivinhastes que é o sacerdote.

Antes de sua elevação à séde episcopal de Paris, o cardeal Verdier dizia o seguinte do sacerdote, último amigo dos que vão morrer!

“Comunicam-lhe que em determinado ponto da paróquia um doente reclama sua presença. Põe-se êle imediatamente a caminho. Vai ao bairro mais distante, sobe a escada mais escura numa atmosfera de miasmas insupportáveis e entra em um quarto onde a desordem impera e onde se fazem sentir os cheiros mais repugnantes. Entra com um sorriso bom nos lábios, não um sorriso de alegria, mas um sorriso de compaixão e de amizade. Aproxima-se do doente, toma-lhe a mão, conversa, deixa-o narrar todos os seus sofrimen-

tos sem contar os minutos que passa a seu lado. Depois dá alguns conselhos. As mais das vezes deixa-lhes alguma esmola, ou ao menos uma palavra reconfortante que talvez contribua para o restabelecimento de sua saúde.

E quando a morte se aproxima, vereis ainda o sacerdote da paróquia tomar o caminho da casa infeliz, como fez Nosso Senhor, quando o centurião, Jairo e o chefe da sinagoga lhe pediram que fosse curar seus doentes, e livrá-los da morte. Mas todos o acolherão com os mesmos sentimentos? Qual de vós ainda não viu o lúgubre espetáculo de um sacerdote avançando entre os olhares inquietos e muitas vezes malévolos dos desgraçados a quem vai socorrer? Pensando bem, por que se sujeita êle a tanto? O homem que agoniza será seu pai, seu irmão, seu amigo? Não, é um desconhecido, e um desconhecido que talvez o tenha insultado e caluniado, e que, ao vê-lo junto ao seu leito, talvez dirá:

— Que veio fazer aquí? Deixe-me em paz.

O sacerdote vai apesar de tudo à casa do doente, porque tem fé, porque conhece a necessidade de salvar o infeliz, mesmo que fosse à última hora, mesmo que fosse no último minuto de vida. Leva ao doente o consôlo de uma palavra amiga, em nome de Deus, e vai como homem que abriga sentimentos humanos no fundo do coração, que compreende a

angústia e o medo do desgraçado a quem fala, e que ao mesmo tempo tem a dolorosa intuição de seus profundos sofrimentos. E aí está porque ao mais humilde sacerdote sempre ocorre a palavra que é preciso dizer em momentos tão difíceis. E muitas vezes a temida visita do sacerdote termina com um suspiro de alívio e um sorriso de felicidade, porque o doente, que talvez já perdera a fé ou pensava tê-la perdido de todo, volta a encarar consoladoras perspectivas de fé, de esperança e de amor novamente abertas á sua alma torturada. Desce sôbre êle um raio de luz e em seus olhos brilha o reflexo espiritual de uma visão do paraíso.

Eis, pois, o que é o sacerdote, o bom pastor, aquele que vem em nome de Deus, que vem a nós em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.”

A vocação

Qual será vosso futuro?

Provavelmente pretendeis seguir o caminho traçado por vosso pai, e continuar os trabalhos em que se ocupa. Boa idéia.

Pensais talvez que seria belo fazer-se soldado e consagrar toda a vida ao serviço da Pátria. Haverá em vossas famílias exemplos de homens que realizaram êste ideal.

Talvez queirais ser útil a vosso país, trabalhando na indústria ou no comércio.

Em todas estas profissões, podereis fazer a vontade de Deus e chegar ao verdadeiro fim do homem: o céu.

Entretanto, alguns de vós têm ambição mais alta, querem fazer o bem ao redor de si.

Esses serão médicos e aliviarão os corpos torturados pelas enfermidades. Curarão os que sofrem. Farão sorrir os que choram. Cirurgiães hábeis, conservarão a vida de muitos que fatalmente morreriam, si não fosse o recurso da cirurgia.

Outros serão advogados. Aconselharão e defenderão as pessoas atacadas, e auxiliarão o delinquente a regenerar-se.

Muito bem pensado. Será uma vida cheia de bondade e de caridade fraterna.

Mas dentre vós um ou outro ainda espera a palavra que indica o seu sonho de futuro. Esses pensam no sacerdócio.

Vós, os que acariciais tão sublime aspiração, sereis ministros de Deus, e muitas almas conhecerão a Deus por vossa causa. Todos os dias sustentareis nas mãos abençoadas o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, e o dareis aos fiéis.

Falareis em nome do divino Mestre.

Perdoareis pecados como Ele mesmo os perdoava.

Levareis aos moribundos a grande e divina esperança da felicidade eterna.

Pregareis a caridade de Jesus Cristo. Por vossa causa haverá mais fé, mais esperança e mais amor na terra e mais eleitos no céu.

Lendo o Evangelho

I ORDEM

Jesus prepara seus sacerdotes. — Vocação de Pedro e André, de Tiago e de João.

Jesus logo começou a pregar, dizendo: “Fazei penitência, porque o reino de Deus está próximo.”

Quando caminhava ao longo do mar da Galiléa, viu dois irmãos, Simão chamado Pedro e André, que atiravam suas redes à água, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: “Seguí-me, que vos farei pescadores de homens.”

Simão e André imediatamente abandonaram as redes e seguiram o divino Mestre.

Mais adiante Jesus encontrou outros dois irmãos, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que se achavam com o pai em sua barca, concertando suas redes. Chamou-os, e os dois, deixando o pai e as redes, imediatamente seguiram a Jesus (Mt 4, 17-23).

Jesus distingue os discípulos, e dá-lhes uma missão. — Tendo depois subido a um monte, Jesus chamou para junto de si os que quis. Estes atenderam ao chamado, e o divino Mestre escolheu doze para que andassem com Ele, e também para enviá-los a pregar. E deu-lhes o poder de curar doentes e expelir demônios. (Mc 3, 13-16).

Jesus ordena seus sacerdotes. — Depois tomou o pão, e tendo dado graças ao Eterno Pai, partiu o pão e o distribuiu, dizendo: “Isto é meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 19).

Depois da ressurreição. — Na tarde do mesmo dia, que era o primeiro da semana, achavam-se os discípulos reunidos em uma casa cujas portas haviam fechado por medo dos judeus. Quando menos esperavam, Jesus apareceu entre êles e disse: “A paz seja convosco.”

Dito isto, mostrou-lhes as mãos perfuradas e o lado aberto. Os discípulos encheram-se de júbilo, por ver o Senhor. E Ele disse-lhes, pela segunda vez: “A paz seja convosco. Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós.”

Tendo proferido estas palavras, soprou sobre êles, e falou: “Recebei o Espírito Santo. Os pecados daqueles a quem os perdoardes,

serão perdoados; os pecados daqueles a quem retiverdes, serão retidos” (Jo 20, 19-24).

Os apóstolos conferem, por sua vez, o sacramento da ordem. — Para dar um substituto ao traidor Judas, os apóstolos escolheram a Matias. Pedro disse a seus irmãos:

“Convém que dêstes homens que nos acompanharam durante o tempo em que o Senhor Jesus esteve conosco, desde o batismo de João até ao dia em que foi arrebatado do meio de nós para o céu, convém que um dos homens de que falo seja feito testemunha da ressurreição do Senhor, como nós.”

Apresentaram dois, José, geralmente chamado Barsabas, que tinha por sobrenome o Justo, e Matias.

Os apóstolos oraram então a Deus, dizendo: “Senhor, Tu que conheces os corações de todos os homens, mostra-nos qual dêstes dois escolheste afim de ocupar, no ministério do apostolado, o lugar que Judas abandonou, para cair onde se encontra.”

E tiraram à sorte os nomes dos dois, e a sorte indicou Matias, que foi associado aos onze apóstolos. (At 1, 21-26).

Ordenação de diáconos — Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, os gregos queixaram-se dos hebreus, porque suas viúvas eram esquecidas na distribuição quo-

tidiana dos socorros. Os doze apóstolos convocaram então a multidão dos discípulos, e disseram: “Não convém que deixemos de pregar a palavra de Deus, para servir às mesas. Por conseguinte, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, que possam ser incumbidos da distribuição dos socorros.

Nós, porém, continuaremos inteiramente dedicados à oração e ao ministério da palavra de Deus.”

A proposta agradou a todos. Escolheram, pois, Estêvam, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Felipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Apresentaram os escolhidos aos apóstolos, e êstes, depois de terem orado, impuseram-lhes as mãos (At 6, 1-6).

*
* *
*

Meditação de um jovem

Padre Nosso, que estais no céu, creio que sou verdadeiramente vosso filho, e que a vida é o caminho que me conduz até vós.

O caminho é difícil. Tenho necessidade de um guia. Este guia necessário foi Jesus quem o instituiu. Antes de voltar a vós, vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, deu todos os pode-

res a seus apóstolos. Mas os apóstolos um dia deveriam desaparecer, e a sociedade cristã nunca poderia prescindir de chefes. Em vosso nome, obedecendo a vossas ordens, êles nomearam sacerdotes que ficaram sendo os chefes do povo cristão. Os sucessores dos apóstolos, os bispos, herdeiros dos mesmos poderes, continuam sua obra, e, mediante o sacramento da Ordem, por sua vez consagram novos sacerdotes.

O sacerdote é, portanto, o representante de Deus, o guia das almas, o guia que indica o caminho do céu.

Promessa. — Quando eu vir um sacerdote, lembrar-me-ei de que é um chefe e um guia que traz em si o sinal indelével do sacramento da Ordem.

Oração. — “Meu Deus, dai a vossos fiéis os chefes necessários.

Meu Deus, dai-nos sacerdotes.

Dai-nos sacerdotes, para que nos ensinem o catecismo.

Dai-nos sacerdotes, para que nos perdoem os pecados.

Dai-nos sacerdotes, Senhor, para que produzam sôbre os altares o corpo, o sangue, a alma, a divindade de Nosso Senhor.

Como chamou Jesus seus primeiros sacerdotes. — Depois de seu jejum de quarenta dias, Jesus escolheu os apóstolos.

O divino Mestre sabia que deveria morrer na cruz para salvar o mundo. As palavras salvar e salvamento indicam um ato difícil.

Jesus chama primeiramente os pescadores, que viviam trabalhando em alto mar, procurando colher em suas redes os peixes do grande lago.

O apóstolo fará trabalho idêntico, tão fatigante como o da pesca — será pescador de homens e procurará retirá-los do mal.

“Seguí-me; farei de vós pescadores de homens.” Jesus indica claramente a missão que reserva aos que chama para junto de si.

Esta missão é em tudo semelhante à de Jesus, que veio à terra para fazer a vontade de seu Pai, e para salvar os extraviados. A obra dos apóstolos consiste, pois, em colaborar com Jesus Cristo.

Chamando-os, o divino Mestre mostra-lhes o ideal do sacerdócio: trabalhar na santificação das almas.

O que Jesus pediu aos seus apóstolos. — O Evangelho diz o que Jesus Cristo exigiu de seus primeiros sacerdotes — exigiu que abandonassem suas redes, suas barcas, as margens aprazíveis do lago de Genesaré, suas casas. Exigiu o mais completo *desinterêsse*.

O apóstolo quer apenas a glória de Deus e a salvação das almas. E' pescador de almas. O dinheiro e as honras não têm valor para

êle. Este desinterêsse tornar-lhe-á possível aceitar alegremente os sacrificios e os penosos trabalhos do apostolado: “Quem quiser vir após mim, tome sua cruz e siga-me.”

Sim, porque aquele que quiser continuar a missão de Cristo na terra deverá estar pronto a sofrer a mesma sorte: “O discípulo não está acima do Mestre, nem o servo acima do seu Senhor.”

Jesus exige também um grande amor: “Quem ama seu pai e sua mãe mais do que me ama, não é digno de mim.”

Enfim, recomenda-lhes o divino Mestre peçam ao Pai celeste que dê a muitos o desejo de tornar-se apóstolo, ou seja, sacerdotes: “A messe é grande e os trabalhadores são poucos. Suplicai ao Senhor da seara que mande mais trabalhadores.”

O que Jesus ofereceu a seus primeiros sacerdotes. — Nosso Senhor ofereceu seu poder aos primeiros sacerdotes, os apóstolos.

Disse ao paralítico assim como a Madalena: “Teus pecados te são perdoados,” e provou, por meio de milagres, que tinha o poder de perdoar. Disse também aos apóstolos, e na pessoa dêstes a seus sucessores: “São perdoados os pecados daqueles a quem os perdoades, etc...”

Jesus muda o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue, e acrescenta: “Fazei isto em memória de mim.”

Prega o reino de Deus, e envia seus apóstolos para que propaguem sua doutrina por todo o mundo: “Ide, ensinai a todas as nações, etc...”

O apóstolo é, portanto, o colaborador de Jesus Cristo. E o apóstolo deve continuar sua missão em todos os tempos: “Estarei convosco até à consumação dos séculos.”

Jesus sempre está com seus sacerdotes.

O que dizia o cura d’Ars em seu catecismo sôbre o sacramento da Ordem

Meus filhos, chegamos ao sacramento da Ordem. E’ um sacramento que parece não dizer respeito a nenhum de vós, e no entanto tem relação com todo o mundo. Êste sacramento eleva o homem até Deus. Que é o sacerdote? Um homem que ocupa o lugar de Deus, um homem revestido de todos os poderes de Deus.

Ide — disse Nosso Senhor aos sacerdotes. Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio... Todo poder me foi dado no céu e na terra. Ide, pois, instruí todos os povos... Quem vos ouvir, ouvir-me-á; quem vos desprezar, desprezará a mim.”

Quando dá a absolvição, o sacerdote não diz: “Deus vos perdoe”, mas sim: “Eu te absolvo.” Durante a consagração êle não diz: “Isto é o corpo de Nosso Senhor”, mas sim: “Isto é meu corpo.”

Revela-nos S. Bernardo, que tudo obtemos por intermédio de Maria

Podemos também dizer que obtemos tudo por intermédio do sacerdote, todas as felicidades, todas as graças, todos os dons celestes.

Si não tivéssemos o sacramento da Ordem, não teríamos Nosso Senhor conosco. Quem o colocou no tabernáculo? O sacerdote. Quem recebeu vossa alma na entrada da vida? O sacerdote. Quem a alimenta para dar-lhe as forças necessárias à sua peregrinação? O sacerdote. Quem a preparará, enfim, para o comparecimento perante Deus, purificando-a pela última vez no sangue de Jesus Cristo? O sacerdote, sempre o sacerdote. E si esta alma vem a morrer, quem a ressuscitará? Quem lhe restituirá a calma e a paz? O sacerdote ainda. Não podereis lembrar um único benefício de Deus, sem encontrar ao lado de vossa lembrança a imagem do sacerdote.

Porventura vos confessais à Santissima Virgem ou a algum anjo, e assim conseguis a absolvição de vossas faltas? Não. Recebeis de Maria Santissima e de algum anjo o corpo e o sangue de Nosso Senhor? Não. A Mãe de Deus

não pode fazer seu divino Filho descer à hostia. Mesmo que tivésseis duzentos anjos à vossa disposição, nenhum dêles vos poderia absolver. Mas um sacerdote, por mais humilde que seja, o poderá. Sim, êle poderá dizer-vos: "Ide em paz, eu vos perdôo." Como o sacerdote é grande! (1)

Uma palestra sôbre o sacramento da Ordem

Quando estudámos a Igreja, dissemos que entre os fiéis e Deus havia medianeiros necessários. Recordai o pequeno quadro que esboçámos: Deus, abaixo de Deus, o Papa, os Bispos, depois os sacerdotes e enfim os fiéis. Os intermediários entre Deus e os fiéis foram estabelecidos por Nosso Senhor Jesus Christo afim de que nos conduzam a seu Pai, e para êste fim instituiu um sacramento, o sacramento da Ordem.

Notai que êste sacramento não é para todos. O Batismo, a Confirmação, a Penitência, a Eucaristia e a Extrema Unção são sacramentos para todos os fiéis, porque correspondem à necessidades do indivíduo, do homem considerado em particular. O sacramento da Ordem foi instituído para dar chefes à sociedade religiosa, como o matrimônio, para que a sociedade pudesse sobreviver.

(1) *Le Curé d'Ars dans ses Catéchismes*, Abbé Moirin, p. 111., Téqui.

Compreendeis o sentido da palavra *chefe*. O pai é o chefe da família, o patrão é o chefe da fábrica, o oficial é o chefe dos soldados, o intendente é o chefe do município. Os chefes têm o direito de mandar, pois estão investidos da autoridade e poder necessários. Veremos, agora, que Jesus nomeou chefes para a Igreja. Poderão eles ser reconhecidos por um sinal que receberam: o sacramento da Ordem.

Que é este sacramento?

Eis a resposta do catecismo: Ordem é um sacramento que dá o poder de exercer as funções eclesiásticas e a graça de as exercer santamente.

Explicareis as palavras *Ordem, sacramento, funções eclesiásticas*, para que melhor compreendais a definição.

A palavra ordem pode significar uma harmoniosa disposição de coisas. Quando entramos em um aposento limpo, cujos móveis se acham cuidadosamente arrumados, dizemos: “Neste compartimento há ordem.”

Não é este o sentido que devemos dar à palavra “ordem” da definição. Ali esta palavra significa que as pessoas consagradas pelo sacramento da ordem são colocadas em uma categoria especial, ou, si assim preferirdes, em uma *ordem*, ou plano mais elevado do que o dos fiéis. A mesma expressão indica também

os diferentes postos que é preciso percorrer para chegar ao sacerdócio.

Antes de tornar-se coronel ou marechal, um oficial passa por diversas graduações: aspirante, tenente, capitão, major, etc. Escalados os vários degraus que o conduzem ao elevado posto de marechal, termina êle sua carreira militar.

O sacerdote não é logo investido do sacerdócio, mas também percorre diversas graduações até chegar à alta categoria de sacerdote. Assim, êle segue uma ordem que termina no sacerdócio.

O conjunto destas graduações chama-se sacramento da ordem. O sacramento da ordem comporta sete graus: quatro intitulados *ordens menores*, e três intitulados *ordens maiores*.

A Ordem é um sacramento. Todos os sacramentos foram instituídos por Nosso Senhor, pois ninguém mais tem o poder de ligar a graça a um sinal exterior. A instituição do Batismo, de que já falámos, é um exemplo.

Nosso Senhor preparou a instituição do sacramento da Ordem. Êle mesmo escolheu, entre os discípulos, doze apóstolos que instruiu durante três anos.

Lêde, a respeito, a página do Evangelho que se pode intitular *Vocação de Pedro e André* (Mt 4, 18-23).

Certamente notastes que Jesus os separou de tudo o que até então os prendia: o lago de ondas azues, a barca e as redes, o velho pai. E' uma vida nova que Êle lhes propõe, e os pescadores a aceitaram de todo o coração.

Jesus os quer unicamente para si: "Seguí-me."

Indica-lhes o objetivo da nova vida, dizendo-lhes que serão pescadores de homens, isto é, pescadores de almas.

Como? De que maneira conseguirão pescar almas? Os apóstolos vão receber o sacramento da Ordem.

Ouví a narração do fato. Jesus vai dar, na Eucaristia, seu corpo, seu sangue, sua divindade. Toma pão e vinho. "Isto é meu corpo, isto é meu sangue." Por êste meio as almas receberão a vida e serão salvas.

Mas Jesus terá que morrer no Calvário. Quem dará a Eucaristia às almas, depois da sua morte?

Quem? Os apóstolos.

Jesus acrescenta: "Fazei isto em memória de mim."

E assim são ordenados os apóstolos.

Mas Jesus completará seus poderes.

Depois de sua ressurreição, aparece-lhes e fala: "A paz seja convosco! Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio."

Em seguida sopra sôbre êles, e diz: “Recebei o Espírito Santo. Os pecados serão perdoados a quem os perdoardes; e serão retidos a quem os retiverdes.”

Os apóstolos são os continuadores de Cristo. E como Jesus lhes disse que estaria com êles até à consumação dos séculos, compreenderam que o divino Mestre assim os mandava ordenar outros sacerdotes, para que continuassem a obra da salvação das almas.

E já vimos como os apóstolos obedeceram, substituindo o traidor Judas por Matias, ordenando diáconos e sacerdotes.

O poder de conferir o sacramento da Ordem passou aos Bispos, sucessores dos apóstolos. A história da Igreja no-lo mostra. E' o motivo por que deveis considerar todos os sacerdotes como continuadores de Cristo.

Remontando de elo em elo a cadeia eclesiástica, chegamos aos apóstolos e a Nosso Senhor, sem nenhuma interrupção.

Ocorre aquí uma pergunta: como conferem os bispos o sacramento da Ordem?

Impõem as mãos (diaconato, sacerdócio, episcopado) e fazem o pretendente tocar os diversos objetos do culto que se relacionam com a Ordem dada. Pronunciam ao mesmo tempo certas palavras adequadas ao ato.

A quem recebe a ordem de *ostiário* (sacristão) apresentam os bispos as chaves da igre-

ja; ao leitor apresentam o missal; ao exorcista o livro de exorcismos; ao acólito o castiçal com o círio e as galhetas; ao sub-diacono o cálice e a patena vazios.

Impõem as mãos aos diáconos e apresentam-lhes o livro dos Evangelhos, para que o toquem. Tratando-se de presbíteros, isto é, sacerdotes, impõem-lhes as mãos, como aos precedentes, fazem-lhes uma unção em cada uma das mãos e apresentam-lhes o cálice com vinho e a patena com a hóstia.

Descreveremos mais adiante estas cerimônias, que podem ser assistidas na catedral.

O sacramento da Ordem produz determinados efeitos: transmite a faculdade de desempenhar as funções eclesíasticas e dá a graça de exercê-las santamente.

Quais serão essas funções?

Transportai-vos em pensamento a uma igreja. Que vêdes? Um altar. Que faz o sacerdote no altar? Celebra o Santo Sacrifício da missa.

O sacerdote tem, pois, o direito de celebrar a missa, direito que lhe confere o sacramento da Ordem.

Que vêdes ainda na igreja? Um confessionário. Que faz o sacerdote no confessionário? Perdoa pecados.

Que vêdes mais? Um púlpito, no qual o sacerdote explica a palavra de Deus. A pia ba-

tismal onde o sacerdote batiza os novos filhos da Igreja.

Vêde aquele sacerdote que sai da igreja, levando o viático. Aonde vai êle? Vai dar a Extrema Unção e a última comunhão a um doente.

Si eu vos perguntasse, agora, como distinguís o sacerdote entre os outros homens, diríeis que o distinguís pelo trajo, porque êle se veste de maneira diferente.

E' verdade. Mas o que sobretudo o distingue é o carater indelével, o sinal impresso pelo sacramento da ordem em sua alma, um sinal que nada poderá fazer desaparecer. O sacerdote é ministro de Deus para sempre.

II — COMO NOS TORNAMOS SACERDOTE

Meditação de um jovem

O sacerdote é o continuador de Nosso Senhor Jesus Christo e é Jesus mesmo quem escolhe seus sacerdotes. Pode Êle dizer a todos: "Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos chamei."

O apêlo de Deus. Sim, Deus fala à alma. Durante sua vida mortal, Jesus detinha-se diante de um homem, olhava-o, e dizia: "Vem, segue-me." Os apóstolos acompanharam-no à Galiléia, à Judéia e foram a todos os lugares a

que Ele os enviou. Deus falou ainda a todos os santos sacerdotes que sucederam aos apóstolos. E a todos os que atualmente exercem o sacerdócio, Jesus disse: “Vinde, segui-me.”

O divino Mestre faz seu apêlo a certas almas de meninos, antes do dia da primeira comunhão ou depois dêste grande dia; fá-lo depois de uma oração mais fervorosa, depois de um sacrificio, depois de um retiro. Deus serve-se de todos os meios para chamar-nos: um sermão, uma lição de catecismo, uma palavra dita na aula, um aviso na confissão.

Terá êle falado a algum de vós? Talvez. Falará em breve? E’ possível. Deus chama neste mesmo instante uma alma generosa? Talvez... “Senhor, eu vos sigo”, responderam todos os sacerdotes. Outros, infelizmente, não tiveram coragem, não responderam e afastaram-se.

Promessa. — Meu Deus, prometo rezar para que vosso apêlo seja atendido.

Todos os dias dedicarei uma oração à obra das vocações. Se eu tiver a felicidade de ouvir Jesus dizer-me: “Vem”, responderei: “Eu vos sigo, Mestre.”

Oração. — Santa Maria, Rainha do clero, rogai por nós.

Quando Deus chama. — O pequeno Samuel dormia no vestibulo, perto do quarto do sumo-sacerdote Heli.

Certa noite, uma voz fez-se ouvir: “Samuel, Samuel!” O menino levanta-se e vai apresentar-se ao sumo-sacerdote: “Chamastes-me. Aqui estou.” “Não, meu filho, não te chamei. Vai dormir.”

Mal voltara Samuel a sua cama, a voz chama-o outra vez. Samuel torna a apresentar-se ao sumo-sacerdote, e êste manda-o novamente de volta.

Fez-se a voz ouvir pela terceira vez.

O rapaz tornou a ir ao quarto de Heli. Heli refletiu e disse-lhe: “Volta a teu leito, e si te chamarem ainda, responde com estas palavras: Falai, Senhor, que vosso servo escuta.”

Samuel assim fez, e Deus falou-lhe.

O pequeno Samuel estava em condições de ouvir a voz de Deus. Vivia no ambiente tranquilo do templo, era sério e trabalhador, e rezava bem.

Um menino que imite a Samuel poderá ouvir a voz de Deus.

O chamado de Deus repete-se. O menino não compreende logo o sentido do divino apêlo, e as pessoas que por êle respondem hesitam e esperam para pronunciar-se.

Samuel confia-se ao sumo-sacerdote.

O menino que acredita ouvir o chamado de Deus deverá consultar seu confessor, e não deverá desanimar, si êste não lhe responder logo favoravelmente.

Mas quando o sacerdote lhe disser: “E’ a voz de Deus”, o menino deverá obedecer, dizendo em piedosa oração: “Falai, Senhor, vosso servo escuta.”

O exemplo de Jesus. — Com a idade de doze anos, Jesus subiu a Jerusalém em companhia de Maria e José, para assistir á festa de Páscoa.

Foram os três ao templo, onde rezaram. Passados os dias da festa, o Menino Jesus ficou na cidade, sem que seus pais o soubessem.

Julgando-o entre os companheiros de viagem, Maria e José viajaram um dia todo despreocupadamente. Procuraram-no à tarde entre os parentes e amigos e, não o encontrando, voltaram a Jerusalém, onde pensavam achá-lo.

Depois de três dias, encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, escutando-os e discutindo com êles. E todos os que o ouviam, ficavam maravilhados com sua inteligência e suas respostas.

Surpreenderam-se seus pais ao vê-lo ali, e Maria perguntou:

“Meu filho, por que procedeste assim conosco? Teu pai e eu estivemos à tua procura, cheios de aflição.”

Jesus respondeu: “Por que me procuráveis? Não sabeis que devo ocupar-me com o que é de meu Pai?”

Quando um menino ouve o chamado de Deus, que suavemente lhe diz: “Serás meu sacerdote”, pode dizer como Jesus: “E’ preciso que eu me ocupe com o que é de meu Pai, que está no céu.”

Outros meninos há que terão belos sonhos para o futuro. Serão comerciantes, engenheiros, advogados, médicos, etc. e ganharão muito dinheiro.

E’ possível que os pais do menino atraído pelo sacerdócio, lhe digam: “Meu filho, estás destinado a uma situação invejável. Serás rico e levarás vida isenta de incômodos. A vida do sacerdote assemelha-se muito à de Jesus; pois é toda de contradições, de sarcasmos, de lutas, e de mortificações contínuas que receamos por ti. Trabalha tu também, para conseguir uma situação que se imponha à admiração dos outros.

Mas o menino responderá: “E’ preciso que eu me ocupe com o que é de Deus, nosso Pai.”

Os que não atendem ao apêlo. — Em seu Evangelho, S. Lucas refere o apêlo que Jesus dirigiu ao jovem rico, e que não foi atendido.

O jovem aproximou-se de Jesus, e perguntou: “Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?”

Jesus recomendou-lhe que observasse os mandamentos. O jovem sempre os observara.

Jesus pensa, então, em atraí-lo a si, e convida-o a que o siga: “Falta-te uma coisa. Vende tudo o que tens, distribue aos pobres o dinheiro obtido, porque assim conseguirás um tesouro no céu, e depois vem e segue-me.”

Mas, ouvindo isto, o jovem entristeceu-se e retirou-se.

Jesus reclamava dêle o maior desinterêsse, e propunha-lhe uma vida de pobreza, de fadiga e de sofrimentos, uma vida de contradições, e talvez até o martírio.

A alma do jovem não era bastante forte. O jovem queria gozar a vida, e acovardou-se.

A historia repete-se.

Os que atenderam ao apêlo. — Os apóstolos haviam atendido ao apêlo. Quando viu o jovem rico afastar-se de Jesus, Pedro tomou a palavra:

“Mestre, nós abandonámos tudo para seguir-te.”

Respondeu Jesus: “Em verdade vos digo, todo aquele que deixar sua casa, seus pais, seus irmãos, sua espôsa ou seus filhos por causa do reino de Deus, receberá muito mais já neste mundo, e no século futuro alcançará a vida eterna.”

Os apóstolos foram distinguidos com grandes alegrias durante os anos em que andaram com Jesus. Quando Jesus perguntou aos apóstolos, se queriam deixá-lo, Pedro respondeu:

A quem iremos nós, Senhor, si tu tens as palavras da vida eterna?" E no júbilo causado pela transfiguração de Cristo, o chefe dos apóstolos exclamou: "Como é bom estarmos aqui!"

Todos os sacerdotes sentem suas alegrias, têm suas grandes esperanças e amam o divino Mestre, em quem depositam incondicional confiança.

Sabem que Jesus é fiel a suas promessas, e esperam a recompensa que lhes será dada no fim da vida. Não temem a morte e pensam como o apóstolo: "Desejo morrer para unir-me a "Jesus."

SEGUNDA PALESTRA SÔBRE O SACRAMENTO DA ORDEM

Como nos tornamos sacerdote

Hoje, com em tempos passados, Deus dirige seu apêlo a certo número de almas

A lição precedente sôbre o sacramento da Ordem pode ser resumida em poucas palavras: Jesus Cristo instituiu o sacramento da Ordem; seus apóstolos foram seus primeiros sacerdotes; os sacerdotes de nossos dias continuam a obra dos apóstolos.

Mas vem-nos logo à idéia uma pergunta: "Quem pode tornar-se sacerdote?" Responde-

mos: “Hoje, como nos tempos passados, Deus dirige seu apêlo a certo número de almas. Alguns meninos do catecismo já ouviram o apêlo divino, ou talvez ainda o ouçam. Seria um êrro supor que o chamado de Deus é uma exceção. A voz de Deus faz-se ouvir no íntimo da alma de muitos: “Vinde, segui-me; sereis pescadores de homens.” Alguns responderam alegremente: “Aquí estamos.” Outros, porém, afastaram-se como o jovem rico de que fala o Evangelho.

Claro está que Jesus não procede visivelmente, como fez outrora, quando convidou os apóstolos a segui-lo. Hoje o divino Mestre fala às almas. E o bispo, verificando os indícios reveladores da vocação, dirige-nos seu apêlo official, em nome de Deus.

Os indícios da vocação. — Estes indícios encontram-se na própria pessoa.

a. O corpo não deve ter enfermidades que impeçam o exercício das funções sagradas. Tal seria o caso de um cego, de um surdo, etc.

b. A alma. A vocação sacerdotal exige inteligência e discernimento seguro e prudente. Mais adiante diremos o lugar que o sacerdote ocupa na sociedade, e que requer estas qualidades essenciaes. As faculdades da alma pouco desenvolvidas constituiriam motivo bastante para não ser alguém admitido ao sacerdócio.

Além disto, cumpre considerar a intenção do pretendente.

— Quero ser padre — diz um menino.

— Por que?

— Porque gosto das cerimônias da Igreja e da vida de padre. Porque desejo fazer o que Jesus e os apóstolos fizeram: pescar almas. Porque desejo trabalhar na seara de Deus, como Jesus, e recolher muitos feixes de almas aos celeiros do Divino Pai.

— Mas, meu filho, Jesus Cristo sofreu. Sua imagem mais conhecida é o crucifixo, em que Ele nos aparece cravado na cruz, coberto de sangue, com a corôa de espinhos à cabeça, as mãos e os pés brutalmente traspassados, o lado direito aberto pela lança que lhe varou o coração.

Jesus crucificado é o resgate das almas.

Os apóstolos levaram vida de trabalhos e de sofrimentos, e morreram martyrizados. Os sacerdotes sofrem, vivem na pobreza e muitas vezes são desprezados. Si quiseses ser padre, deverás trabalhar e dedicar-te inteiramente aos outros, sem pensar em tua saúde, em teu repouso e em teu conforto. Só assim é possível salvar almas.

— Não penso em ganhar dinheiro — responde o menino — não penso em honras e pouco me importa a celebridade. Quero sofrer e dar minha vida por Deus, como o soldado

que se sujeita ao sofrimento e dá sua vida pela pátria. Quero ser padre.

Pode-se, então, dizer-lhe:

— Meu filho, és chamado por Deus. Tens, realmente, vocação para o sacerdócio.

Entretanto, pode surgir uma dúvida no espírito do moço ou do menino que pensa ouvir o divino apêlo. Terá sido, de fato, chamado por Deus? Não estará enganado? Quem o tirará da dúvida? Quem lhe dirá que Deus, em verdade, parece chamá-lo?

O papel do confessor — Respondendo às perguntas acima formuladas, diremos: um homem que atende ao chamado do divino Mestre, o sacerdote a quem o moço ou o menino em dúvida se confia, isto é, a seu confessor. Chamamos a atenção dos pretendentes ao sacerdócio, para êste ponto.

Meus amiguinhos, não receeis confiar dificuldades a vosso diretor espiritual; falai-lhe de vossas intenções, de vossos projetos; dizei-lhe quais são vossos gostos, vossas ocupações habituais, vossos pensamentos; mostrai-vos a êle como realmente sois, e depois esperai sua decisão, e obedecei a seus conselhos com toda a confiança.

Em geral o confessor pede algum tempo para refletir sôbre o caso, e passa a estudar atentamente o rapaz. Dá-lhe um pequeno pla-

no de vida em que a oração, o trabalho e a obediência têm papel preponderante, e depois recomenda-lhe que avise seus pais.

No seminário maior, sob a direção de sacerdotes escolhidos pelo Bispo

No seminário maior inicia-se uma vida de trabalho que durará vários anos, escoando-se na tranquilidade e no silêncio de um retiro bem defendido contra qualquer perturbação. Não falo da vida no seminário menor. Essa é semelhante à de todos os colégios, com uma nota de piedade mais acentuada.

Os diretores dos seminários são escolhidos pelo Bispo, que lhes confia a missão de educar os clérigos.

Prestarão êles ao Bispo informações exatas sobre os conhecimentos, a piedade e os indícios de vocação dos que aspiram ao sacerdócio. No dia da Ordenação, o Bispo substituirá a Jesus para dizer: “Seguí-me.”

Os estudos do seminário maior duram cinco anos. O sacerdote deve ser um homem de ciência religiosa, pois deve saber pronunciar-se a respeito de complicados casos de consciência no confessionário ou junto de um moribundo. Deverá instruir os fiéis. E' um homem de função pública como o magistrado, e ocupa elevada posição na sociedade.

Terminados os estudos, e percorridos os diferentes graus que levam à dignidade sacerdotal (ordens menores, sub-diaconato, diaconato), o sacerdócio ser-lhe-á conferido.

A ordenação dos sacerdotes. — E' uma edificante cerimônia a da ordenação! Sente-se a pujante vida da Igreja e a divina assistência de Jesus Christo na catedral em que o Bispo ordena seus novos sacerdotes. Ouí a narração de uma ordenação sacerdotal.

A catedral está repleta de parentes e amigos dos candidatos. Nas primeiras filas de bancos, vêem-se os pais e as mães dos novos sacerdotes, que mal contêm sua profunda commoção. Sentem-se felizes, porque Deus lhes concedeu a honra de escolher um sacerdote em sua família. No santuário acham-se sacerdotes de todas as idades, encanecidos uns, grisalhos outros, vigários jovens ainda, os dignatários da Igreja ricamente paramentados, o Bispo e seus auxiliares, todo o Cabido.

De frente para o altar, os ordinandos, jovens de vinte e quatro anos completos e homens maduros, todos de alva. Mantêm-se imóveis, e rezam fervorosamente.

Começam as cerimônias. Cala-se o órgão, e no impressionante silêncio reinante ouve-se o Arce-diágo que, de pé, convida a aproximarem-se os que vão receber o sacerdócio. O sacerdote que desempenha as funções de notá-

rio procede à chamada de todos. E um por um, todos respondem: “Presente.” Dirigindo-se então ao Bispo em nome da Igreja, o Arce-diágo pede-lhe que ordene sacerdotes os diáconos postados á sua frente.

— São dignos dessa honra? — pergunta o Bispo.

— Sim — responde o Arce-diágo — sei e certificado que são dignos.

Falando então ao povo que assiste à cerimônia, o Bispo lembra aos fiéis que a Igreja tem todo o interêsse em que os indignos não se aproximem do altar.

Depois de alguns momentos de silêncio, verificando que ninguém se opõe à ordenação dos clérigos, o Bispo fala a êstes sôbre a dignidade e a beleza das funções sacerdotais, e sôbre as qualidades exigidas pela ordem dos presbíteros: sabedoria, pureza de costumes e justiça.

Se a ordenação é só de presbíteros (sacerdotes), a prosternação dêstes realiza-se depois da alocação do prelado. Caso contrário, realizam-na juntos o sub-diácono e os diáconos, avançando um passo e prostrando-se no solo do santuário, enquanto a assistência canta a ladainha de todos os santos.

A prosternação simboliza o sacrifício total do homem que se dá a Deus, sem restrições e para sempre.

Depois desta cerimônia, começa a prece. Silenciosamente, o Bispo e depois dêle todos os sacerdotes presentes impõem as mãos sôbre os que vão receber o sacerdócio.

E' chegado o momento da ordenação. O Bispo pronuncia as palavras sacramentais: "O' Pai todo-poderoso, dai a vossos servos aqui presentes a dignidade de sacerdote. Renovai sôbre êles a efusão de vosso Espírito de santidade, afim de que exerçam bem as funções de seu estado, afim de que seu procedimento seja uma censura aos costumes depravados do mundo, e afim de que sejam sábios cooperadores de nosso ministério episcopal..."

Após esta consagração, o Bispo veste a estola ao novo sacerdote, cruzando-a sôbre seu peito, e diz: "Recebei o jugo do Senhor, porque seu jugo é suave e seu fardo é leve."

Veste-lhe, depois, a casula: "Recebe o traje sacerdotal, símbolo da caridade."

Mas a casula não está completamente aberta, porque o novo sacerdote ainda não recebeu a notificação de todos os seus poderes.

O Bispo recita uma bela oração em que supplica a bênção de Deus para os presbíteros: "O' Deus, autor de toda santificação... derramai sôbre êstes servidores, que elevamos à dignidade do sacerdócio, as graças de vossa benção."

Terminada esta oração, então, de joelhos, o *Veni Creator*, sentando-se depois da primeira estrofe, para proceder à consagração das mãos dos néo-presbíteros.

Cada um dos ordinandos ajoelha-se diante dêle, a presenta-lhe as mãos, no interior das quais o prelado traça com o óleo dos catecúmenos uma unção em fôrma de cruz, pronunciando a seguinte fórmula: “Dignai-vos, Senhor, consagrar e santificar estas mãos por esta unção e por esta bênção.”

Em seguida acrescenta: “Tudo o que elas abençoarem, seja abençoado; tudo o que consagrarem seja consagrado e santificado, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.”

O Bispo faz, então, o novo sacerdote tocar o cálice contendo vinho e um pouco d’água e a patena com a hóstia.

“Recebei — diz êle — o poder de oferecer a Deus o santo sacrificio, e de celebrar a missa tanto pelos vivos como pelos mortos.”

O clérigo recebeu o poder sublime de oferecer o grande sacrificio.

O Bispo volta-se para o altar e continua a cerimônia, celebrando a missa.

Chega o momento do ofertório. Os novos sacerdotes aproximam-se do oficiante e oferecem-lhe o cirio.

Na ocasião de rezar-se o *Suscipe Sancte Pater*, os néo-presbíteros, unindo-se ao prelado

que está no altar, passam a celebrar com êle a santa missa. E' a primeira missa dos que são ordenados. Consagram êles a hóstia em união com o Pontífice, e pela primeira vez recebem uma hóstia por êles mesmos consagrada.

Que honra! Que júbilo!

O instante da comunhão acaba de soar. Todos dizem com o celebrante: "O corpo de Nosso Senhor guarde minha alma para a vida eterna." O prelado nada acrescenta, quando lhes dá o corpo de Jesus Cristo. Ninguém recitou por êles o *Confiteor*. E' que comungam como sacerdotes.

O poder das chaves. — Imediatamente depois das abluções, o Bispo repete as belas palavras de S. João: "Não vos chamarei mais meus servos, mas sim meus amigos, etc." Volta-se então para seus novos auxiliares, e êstes recitam, em pé, o *Simbolo dos Apóstolos*.

Segue-se uma última imposição de mãos a esta profissão de fé. "Recebei o Espírito Santo. Serão perdoados os pecados àqueles a quem os perdoardes, e serão retidos a quem os retiverdes," diz o Bispo, pousando as duas mãos sôbre a cabeça de cada um dos presbíteros.

Fica-lhes assim cometido o poder de absolver pecados no sacramento da Penitência.

Todos os poderes estão agora conferidos aos ordinandos. Afim de mostrar que assim é, o

prelado abre completamente a casula de todos os novos sacerdotes, pois até aqui as casulas de todos estavam dobradas.

A promessa de obediência. — Efetua-se, neste momento, uma cena tocante: a promessa de obediência. A Igreja é uma sociedade com hierarquia perfeitamente organizada: o Bispo está sujeito ao Papa, o sacerdote é subdito do Bispo. O Pontífice toma as mãos do novo sacerdote nas suas, e pergunta-lhe: “Prometeis, a mim e a meus sucessores, respeito e obediência?” “Prometo,” responde o sacerdote. Abraça-o então o Bispo, dizendo-lhe: “A paz do Senhor seja convosco.”

Segue-se uma benção especial, e a grande cerimônia da ordenação termina.

As harmonias do *Te Deum* ressoam sob as abóbadas da catedral. Os clérigos tornaram-se sacerdotes para toda a eternidade.

INDICE GERAL

A' margem do primeiro capítulo do catecismo.....	7
A' margem do capítulo — O Símbolo dos Apóstolos	9
A' margem do capítulo — Deus	12
A' margem do capítulo — Os Mistérios	14
A' margem do capítulo — Os Anjos.....	16
A' margem do capítulo — A Queda do Homem....	18
A' margem do capítulo — O Mistério da Encarnação	20
A' margem do capítulo — A vida de Jesus Cristo..	22
A' margem do capítulo — A Divindade de Jesus..	24
A' margem do capítulo — O Mistério da Redenção..	28
A' margem do capítulo — Descida de Jesus Cristo aos Infernos	31
A' margem do capítulo — O Espírito Santo.....	33
A' margem do capítulo — A Igreja.....	35
A' margem do capítulo — Os sinais da Igreja.....	37
A' margem do capítulo — Os Pastores da Igreja..	39
A' margem do capítulo — Os fiéis da Igreja.....	41
A' margem do capítulo — A comunhão dos Santos	43
A' margem do capítulo — Dos Novísimos do Homem	45
A' margem do capítulo — Os Mandamentos de Deus	48
A' margem do capítulo — As Virtudes Teológicas..	50
A' margem do capítulo — A Caridade.....	53
A' margem do capítulo — O Culto Divino.....	56
A' margem do capítulo — O Culto da SS. Virgem..	58
A' margem do capítulo — Os religiosos.....	61
A' margem do capítulo — O terceiro mandamento..	64
A' margem do capítulo — O quarto Mandamento..	66

A' margem do capítulo — O quinto Mandamento..	68
A' margem do capítulo — O sexto e nono Mandamentos	70
A' margem do capítulo — O sétimo e décimo Mandamentos	72
A' margem do capítulo — O oitavo Mandamento..	74
A' margem do capítulo — Os Mandamentos da Igreja	77
A' margem do capítulo — O pecados e os Vícios..	79
A' margem do capítulo — A Vida Sobrenatural....	81
A' margem do capítulo — Os Sacramentos.....	86
A' margem do capítulo — O Batismo.....	89
A' margem do capítulo — A Confirmação.....	92
A' margem do capítulo — A Penitência.....	94
A' margem do capítulo — A Eucaristia.....	99
A' margem do capítulo — A Extrema Unção.....	106
A' margem do capítulo — O Matrimônio.....	109
A' margem do capítulo — A Ordem.....	111